

PROLETÁRIOS DE TODOS OS PAÍSES, UNÍ-VOS.

A Classe Operária



ÓRGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL

ANO 65 — VI FASE — Nº 38 — DE 16 A 29 DE MARÇO DE 1990

NCz\$ 18,00



Vergonha Collorida

Desde o dia 15 de março o Brasil tem um novo presidente — Fernando Collor de Mello —, típico representante das classes dominantes, dos banqueiros internacionais e das forças reacionárias. Sua posse foi realizada com pompa e sob um clima de euforia criado pelos grandes meios de comunicação. A população, angustiada pela crise, vive em expectativa. Mas as idéias e a prá-

tica de Collor, seus compromissos e as forças que o apóiam, indicam que nada de bom advirá ao povo brasileiro durante o exercício de seu mandato. O propalado “programa de reconstrução nacional” não passa de um projeto dos poderosos para manter o país na miséria e na dependência. Leia a respeito nas págs. 3, 4 e 5.

CDM
Centro de Documentação e Memória
Fundação Maurício Grabois

A Classe Operária

Diretor e Jornalista Responsável:
João Amazonas

Editor: José Reinaldo Carvalho

Redação: Antonio Martins, Irasson Cordeiro Lopes e Umberto Martins.

Diagramação e Arte: José Luís Munuera Reyes

Fotografia: Agência Fóton

Centro de Documentação: Rosane Montiel e Joana D'Arc Sousa Lima (interina)

Administração e Assinaturas: Cláudia de Medeiros e Dalva Silva

Endereço: Rua Adoniran Barbosa, 53 — Bela Vista — CEP 01318 — São Paulo/SP.

Telefone: (011) 36-7531

Telex: 11-32133

Fax: (011) 36-4104

Nas capitais: ACRE — Rua Rio Grande do Sul, 65, CEP 69900, fone: (068) 224-7329, Rio Branco; ALAGOAS — Ladeira do Brito, 72 — fones: (082) 221-4634 e 221-4728, Maceió; AMAPA — Av. Mendonça Furtado, 762, CEP 68900, fone: (096) 231-3370, Macapá; AMAZONAS — Rua Itamaracá, 124, CEP 69007, fone: (092) 233-7717, Manaus; BAHIA — Av. Cons. Junqueira Ayres, 41, Barris, CEP 40115, fone: (071) 241-6522, Salvador; CEARÁ — Rua São Paulo, 1.037, CEP 60000, fone: (085) 221-4090, Fortaleza; DISTRITO FEDERAL — HIGS — 704, Bloco G, Casa 67, CEP 70302, fone: (061) 225-8202, Brasília; ESPÍRITO SANTO — Rua Prof. Baltazar, 152, CEP 29020, fone: (027) 222-8162, Vitória; GOIÁS — R. Parnaíba, 355, CEP 74000, fone: (062) 223-5571, Goiânia; MARANHÃO — Rua Osvaldo Cruz, 921, CEP 65000, São Luiz; MATO GROSSO — Rua Comandante Costa, 548, fundos, CEP 78030, fone: (065) 321-5095, Cuiabá; MATO GROSSO DO SUL — Rua Rui Barbosa, 2.500, CEP 79010, Campo Grande; MINAS GERAIS — Rua Padre Belchior, 285, CEP 30190, fone: (031) 222-3161, Belo Horizonte; PARA — Rua Manoel Barata, 993, CEP 66800, fone: (091) 223-8911, Belém; PARAÍBA — R. Almeida Barreto, 273, tel. (083) 222-4413, CEP 58020, João Pessoa; PARANÁ — R. Mal. Deodoro, 1.161, centro, fone: (041) 263-2049, Curitiba; PERNAMBUCO — Rua do Sossogo, 53, CEP 50750, fone: (081) 222-3418, Recife; PIAUÍ — Rua Desemb. Freitas, 1.216, CEP 64020, fone: (086) 222-2044, Teresina; RIO DE JANEIRO — Rua 13 de Maio, 33, 16º andar, sala 1.608, CEP 20031, fone: (021) 252-9935, Rio de Janeiro; RIO GRANDE DO NORTE — Rua Prof. Zuzá, 99, CEP 59020, fone: (084) 222-6323, Natal; RIO GRANDE DO SUL — Rua Santo Antonio, 254, CEP 90220, fone: (0512) 28-5152, Porto Alegre; RONDÔNIA — Rua José Bonifácio, 787 fundos, CEP 78900, Porto Velho; RORAIMA — Rua Major Wilhans, 434, CEP 69300, Boa Vista; SANTA CATARINA — Rua Julio Moura, 34, CEP 88010, fone: (0482) 22-1927, Florianópolis; SERGIPE — Rua do Lagarto, 807, CEP 49015, Aracaju.

A CLASSE OPERÁRIA é uma publicação da Empresa Jornalística A Classe Operária. Composição, past-up, fotolito e impressão: Cia. Editora Joruês. Fone: 815-4999 — São Paulo.



Um poema de amor à vida na existência dos replicantes

Gostaria de comentar o artigo sobre cinema escrito por Clóves Geraldo na edição de nº 34.

Por morar em uma cidade do interior, onde só existem três cinemas, sendo que um deles se dedica a filmes pornográficos, não pude assistir à maioria dos filmes analisados no artigo. Mas sobre um deles, "Blade Runner", considero que a crítica foi injusta.

"Blade Runner" não é um filme niilista, é um poema de amor à vida. A luta dos replicantes é a luta pela vida, pela possibilidade de ser feliz, é a rejeição ao controle do seu tempo de vida pelo supertrust que os criou.

Tão real é sua opção pela vida que quando o chefe replicante (Roy Botty) tem a oportunidade de matar o caçador de andróides (Rick Decard) que havia matado a companheira de Roy (Pris) e seus amigos, ele não o faz: o amor à vida é mais forte do que o desejo de vingança. A fala final de Roy em que ele externa sua angústia diante das lembranças que trazia das guerras de que participara, o horror pelo extermínio de civilizações inteiras, constitui uma bela afirmação da vida como sendo melhor do que a morte.

O amor do caçador de andróides por uma replicante é a negação dos preconceitos e a afirmação da possibilidade de o homem amar o outro, o diferente.

Quanto ao aspecto sombrio do filme, é talvez o que ele tenha de mais crítico. É a denúncia de que não basta o progresso técnico e científico para se criar uma sociedade melhor, mais justa e não opressiva. Enquanto as relações capitalistas de produção forem mantidas — é o caso do filme — a opressão manter-se-á.

O que esperar — em termos de liberdade e justiça social — de uma sociedade controlada por trustes?

Consciente ou inconscientemente, Ridley Scott fez uma denúncia marcante do que pode vir a ser a vida na Terra caso o imperialismo sobreviva pelos próximos séculos e os trustes consigam impor ainda mais a sua dinâmica de dominação sobre a espécie humana.

Mas se isso vier a acontecer, haverá sempre os replicantes. (Luiz Claudio Duarte, Campos, RJ)

Albânia segue um caminho avançado, anti-revisionista

Quando se discute sobre as "reformas" no mundo dito socialista, há uma prova clara do sucesso do verdadeiro socialismo: a República Popular Socialista da Albânia. A Albânia em nenhum momento parece atraída pela linha reformista que varre os falsos socialistas, tem seguido um caminho oposto e avançado na construção do socialismo.

Os problemas da URSS e nas repúblicas satélites não são frutos de erros subjetivos do passado, como se pretende mostrar, mas do próprio sistema capitalista ali restaurado. Sendo assim, eles não podem ser curados com decretos nem com reformas "perestroiqueanas".

O "novo curso de reorganização da sociedade soviética" é o retorno empreendido pela casta que domina a URSS ao capitalismo agora descarado e já sem pudor.

O traço que distingue a economia albanesa de todas as outras é a completa socialização. Desde os anos 60 a propriedade e as atividades econômicas privadas deixaram de existir.

Hoje a Albânia contribui na construção do socialismo também em outra frente importantíssima: a ideológica.

A Albânia comprou essa briga. Seu povo vive um processo de revolucionarização ideológica ininterrupta, buscando vencer todos os restos da velha sociedade, todas as concepções individualistas deixadas por milênios de exploração do homem pelo homem, toda a pressão ideológica que o mundo capitalista exerce sobre o país.

Esta revolucionarização se torna ainda mais complexa por não se dirigir indiscriminadamente contra tudo o que vem do passado. Poucos povos dão tanto valor como os albaneses às suas tradições culturais populares, à sua identidade nacional e a seu passado de lutas. No socialismo esses valores adquirem um conteúdo novo. O passado utilizado para construir o futuro. (Francisco Allan Kardec Marinho, Maracanaú, CE)

As elites se baseiam nas mentiras e nos fantasmas

Duzentas mil pessoas em Salvador, quinhentas mil em São Paulo, um milhão no Rio de Janeiro. A história do Brasil parecia que iria ser escrita de uma forma diferente. No entanto, os setores retrógrados que sempre utilizaram os mais diversos métodos para conter o avanço do povo mais uma vez, através de mentiras contra Lula e ressuscitando o velho fantasma do anticommunismo, conseguiram evitar a vitória dos setores democráticos.

Com os meios de comunicação, principalmente a Rede Globo, fazendo uma campanha ardilosa e aberta em favor de Collor de Mello, fica difícil ganhar qualquer eleição. Precisamos voltar a discutir os temas com imparcialidade e isenção por parte dos meios de comunicação. É necessário que o principal direito do cidadão, o de ser bem informado, de não ouvir mentiras, seja respeitado. Sugiro aos editores da Classe que ouçam especialistas na área de comunicação, bem como pesquisadores, para que os eleitores sejam subsidiados a esse respeito. E no mais, não desanimemos, continuemos nosso trabalho incansável de tentar levar um pouco da nossa consciência política a este país tão carente e analfabeto. Afinal, como diz o grande poeta Pablo Neruda: "Os poderosos podem arrancar uma, duas ou todas as margaridas, mas jamais impedirão a chegada da primavera."

(Fritz Rivail F. Nunes, Santa Maria, RS)

Governo Collor representa cinco anos de repressão

O golpe militar de 1964 trouxe uma rotina ao país: desaparecimentos, assassinatos de lideranças populares, prisões arbitrárias, agressões dos mais diversos tipos. Milhares de pessoas tombaram nos porões da ditadura militar. Companheiros valerosos permanecem desaparecidos, como dizem as listas oficiais dos órgãos de repressão. Os inquéritos iniciados sequer foram terminados e os que chegavam ao final não apanhavam os culpados.

Sabe-se que convivemos no dia-a-dia com ex-torturadores. Recentemente noticiou-se na imprensa nacional um caso mal-contado e um tanto quanto estranho: o envolvimento do ministro do Exército do governo Collor com torturas durante o regime militar. Fica, assim, consumado para a população desinformada que Collor é realmente um "filhote da ditadura".

Como é que poderemos nos sentir tranquilos (manifestando-nos nas ocasiões em que se fizer necessário) tendo a certeza de que o Exército poderá nos "puxar o tapete" e "baixar cassetetes"? Por mais que se diga que não, o governo Collor é a continuação dos mais de 20 anos de ditadura militar. Isto quer dizer que serão mais cinco anos de repressão?

(Aurasil de Lima Rodini Netto, Curitiba/PR)

"Gangs" de jovens, fruto da alienação capitalista

Recentemente, lendo reportagem em jornais daqui da Bahia, sobre "gang de jovens", notei algumas coisas extremamente preocupantes com relação à alienação causada pelo capitalismo imperialista, que é o número estupidamente enorme e crescente dessas "gangs", que causam pavor à sociedade e representam nada mais, nada menos, que o grau de alienação injetado pela mídia eletrônica e pelo capitalismo.

Outro fato interessante é a atitude nazista ridícula adotada principalmente pelos "skinheads". (Wdileston Gomes Batista, Salvador, BA)

O fascínio da sinceridade da "Classe"

Fiquei conhecendo o grande jornal A Classe Operária através de um amigo. Costei muito de todo o trabalho apresentado, mas fiquei muito mais fascinado pela sinceridade e honestidade com que vocês fazem esse trabalho. (Aristeu Boaventura — Diamantina/MG)

Assine já o seu jornal "A CLASSE OPERÁRIA"
UM JORNAL PELO SOCIALISMO

Nome.....
Endereço.....
CEP.....Cidade.....Estado.....
Profissão.....

"A CLASSE OPERÁRIA" CUSTA MUITO POUCO:

Assinatura trimestral: NCz\$ 108,00

Assinatura semestral: NCz\$ 216,00

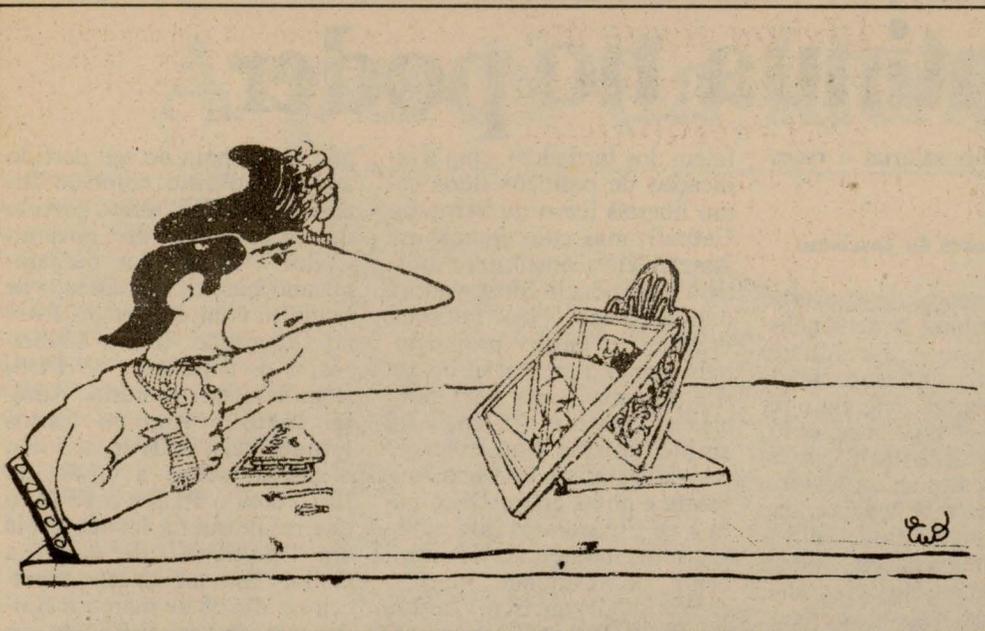
Preencha hoje mesmo este talão e envie cheque nominado

Empresa Jornalística A Classe Operária Ltda.

Rua Adoniran Barbosa, 53 - Bela Vista - CEP 01318 - São Paulo/SP

CDM

Centro de Documentação e Memória
Maurício Grabois



EDITORIAL

Governo antinacional

Fernando Collor de Mello assumiu no último dia 15 a Presidência da República abençoado pelas classes dominantes e euforicamente festejado pelos grandes meios de comunicação. Em tal ambiente, seu desempenho está também cercado pela expectativa da população, angustiada com a crise e ansiosa pela solução dos graves problemas do país. O novo governo se instala num dos períodos mais difíceis da vida nacional, degradado política, social e economicamente, mergulhado em dificuldades e com sua sobrevivência enquanto nação soberana comprometida.

Os poderosos do país e os que dominam de fora comportam-se como se estivessem em estado de graça. Apostam suas fichas e decidem bancar o novo governo. Precisam ganhar tempo e consolidar a conquista que obtiveram com a eleição do novo presidente. Passam à ofensiva e estão decididos a implantar em definitivo seus planos antipopulares e antinacionais — acumular mais e mais riqueza à custa da exploração das classes trabalhadoras e liquidar por completo a independência do país. Levaram a efeito seu projeto combinando matreiramente a demagogia populista com o autoritarismo e a repressão. Não é à toa que o novo governo já faz gestões no sentido de regulamentar restrições ao direito de greve e anuncia a disposição de domar à força o movimento operário e sindical.

Collor é um embuste, sua eleição foi uma trapaça e sua gestão — não há lugar para dúvidas — será um engodo. Foi ungido à condição de primeiro mandatário da nação à base de sórdida demagogia, explorando o atraso de setores menos esclarecidos da população e o medo de frações da classe média. Fabricou uma imagem de moralizador que nada tem a ver com seu caráter de rico perdulário e de político oligárquico. Sua eleição resultou da conjunção de esforços de setores das classes dominantes, ligados a usineiros, latifundiários, grupos monopolistas, banqueiros e do capital financeiro internacional, que não lhe pou-

param dinheiro e recursos propagandísticos.

O novo presidente chega ao poder encenando vigor, disposição e brandindo sua autoridade. Transmite a impressão (para ele certeza) de que ao longo do seu mandato de cinco anos resolverá todos os problemas do país. Promete derrubar a inflação de um só golpe, distribuir alimento e moradia para todos, garantir a saúde e a educação do povo. Diz que acabará com a corrupção e a ineficiência do serviço público. E anuncia novo ciclo de desenvolvimento econômico, retomada dos investimentos e progresso. Enfim, Collor não desceu do palanque e promete um paraíso aos brasileiros.

Mas os problemas do país são antigos, crônicos e estruturais. Não se resolvem com bravatas nem com medidas de impacto. Pelo contrário, o programa que preconiza e as medidas que proclama agravarão ainda mais os problemas com que se debate a nação e tornarão ainda mais aflitiva a vida do povo. O novo governo não resolverá os problemas do país porque representa as classes exploradoras e a estrutura socioeconômica vigente. Para o Brasil romper com o atraso, ingressar na modernidade, conquistar progresso, justiça e bem-estar social seria necessário apagar do poder essas classes e tomar medidas que contrariassem os seus interesses, começando pelo estabelecimento da efetiva independência do país, a reforma agrária e golpeando a estrutura monopolista da economia.

As forças progressistas têm grandes responsabilidades no novo período que se inicia com a instalação do governo Collor. Sem cair no imediatismo, devem fazer opinião consequente, acompanhar atentamente o desenrolar dos acontecimentos e desmascarar uma a uma as medidas antipopulares e antinacionais que adotará. Para isso devem somar forças, unir-se em uma ampla e combativa frente oposicionista, a fim de despertar as energias do povo e mobilizá-lo nas lutas que se farão necessárias.

O inimigo presente

João Amazonas*

Afinal, não há progresso sem luta. E esta implica o conhecimento do adversário. Contra quem combater nos dias de hoje tão confusos? Em termos de avanço social, não há dúvida, contra o capitalismo que é, para os trabalhadores e as pessoas progressistas, o inimigo presente.

Representantes dos grandes monopólios estão eufóricos com a queda de governos ditos comunistas que de comunistas não tinham nada. Tratam de proclamar as benesses da sociedade do lucro. Seria modelo permanente para todo o mundo. A realidade, porém, contesta o prognóstico. A medida que progride, o capitalismo deixa atrás um rastro imenso de miséria e sofrimentos.

São bilhões de pessoas marginalizadas por esse sistema em todos os Continentes. Sem trabalho, sem saúde, sem cultura, sem o alimento indispensável, sem esperança. Milhões de crianças morrem de fome. A juventude não tem futuro. Ignorância e obscurantismo em ascensão caminham juntos. Violência e insegurança por toda parte é a marca dos novos tempos.

É certo que há desenvolvimento em muitas esferas de atividades. A ciência e a tecnologia avançaram e criam riquezas colossais, descobrem possibilidades de vasto progresso. Isto não resulta, entretanto, no bem comum. As desigualdades sociais aumentam. A renda, produto do trabalho de muitos, concentra-se nas mãos de uma pequena minoria. No presente, somente uma parcela diminuta da sociedade vive confortavelmente. Um punhado de ricos ostenta fortunas imensuráveis que acumulou explorando, espoliando.

E não há remédio para curar os males do capitalismo. Ou melhor, o medicamento eficaz mata o paciente, faz surgir nova forma de organização social. É inevitável e irrevogável a contradição gerada no seio do capitalismo — ele só pode desenvolver-se acumulando a riqueza num pólo e agigantando a pauperização, noutro pólo.

Na esfera política, o capitalismo da fase atual nega os direitos essenciais do povo, admite a liberdade desde que não

ameace os seus interesses mesquinhos. Liberdade plena existe apenas para os ricos. A greve, forma elementar da luta de classe, sofre restrições de toda a espécie. A imprensa e os meios de comunicação de massas tornam-se monopólios dos poderosos. Fazem a cabeça de muita gente. "Forjam" a denominada opinião pública. A verdade não tem espaço livre, é sempre sufocada. Circula amplamente a meia-verdade, quando não a mentira descarada. Dizem que a democracia se manifesta no ato de votar, de escolher os governantes. Todavia, os candidatos que sustentam a ordem capitalista dispõem de muitos recursos e do apoio da toda-poderosa máquina propagandística. Aqueles que representam o povo, os trabalhadores, fazem o que podem em áreas restritas, não têm condições de responder na mesma medida as invencionices e calúnias dos adversários. O pluralismo partidário, justo em princípio, é balcão de negócios. Não são poucos os partidos que alugam lendas.

E que feição tem o capitalismo nas relações internacionais? O mundo aparece dividido entre ricos e pobres, entre o Norte próspero e o Sul necessitado. São sete os países ricos. O resto é formado pela esmagadora maioria de nações atrasadas, em vias de "desenvolvimento", muitas paupérrimas. Essa divisão injusta origina-se de feroz exploração imperialista. Os sete ricos são assim porque se apossam das riquezas e do produto do trabalho de grande parte da população mundial. Somente eles gozam de real independência, os demais são dependentes ou semi-colônias. Hoje, fala-se na internacionalização da economia e de tudo o mais. Quem entra nessa põe de lado a soberania nacional, converte-se em apêndice da economia dos países ricos e em escravos da oligarquia financeira mundial.

Está claro que o inimigo presente na luta dos povos é o capitalismo. O combate atual, sob diferentes formas, aponta no sentido do socialismo, que põe fim à exploração e às injustiças sociais e que torna os trabalhadores, o povo, donos soberanos do seu próprio destino.

CDM Fundação Maurício Grabois
*Presidente nacional do PCdoB

A direita continua no poder

José Reinaldo Carvalho

“Fernando Collor assume hoje a presidência de um partido único — o Brasil”. Foi assim que a Rede Globo despertou seus telespectadores nos noticiários matutinos do último dia 15. “Collor assume com apoio de 71%” — disse “Folha de São Paulo” na manchete de capa no dia da posse do novo presidente “Bem-vindo, Collor” — saudou o “Estadão” em laudatório editorial. É como se num passe de mágica, apenas com o ato de entrega da faixa por um presidente de que ninguém sentirá saudade a outro que promove um culto narcisista de sua personalidade, a história do Brasil mudasse inteiramente de rumo. O próprio Collor, quatro dias antes da posse, em entrevista concedida na Rede Globo de Televisão, procurou passar a idéia de que “estamos fazendo uma revolução, não a revolução pelas armas, mas a que já se iniciou pelo voto”.

A “era Collor”

Alguns analistas políticos chegam a falar da passagem para uma “nova era”, a “era Collor”, em que o país ingressará na fase do moderno desenvolvimento econômico com democracia e justiça social.

Não cabem dúvidas de que está instalado no país um clima de expectativa em torno da figura do novo presidente e das medidas que adotará. Nada mais natural, consideradas as circunstâncias em que foi eleito: sua campanha baseou-se em mirabolantes promessas, explorando as angústias da população com a crise econômica e social e o imaginário popular, fruto do atraso político e cultural, que deposita fé no advento de “salvador da pátria”.

É certo também que a posse do novo presidente da República marca o início de novo período na história política do país. Institucionalmente o fato tem importância, por se tratar da primeira vez, depois de 21 anos de ditadura militar e cinco anos de uma acidentada e truncada transição, que o poder presidencial é entronizado a partir de eleições diretas, embora em relação a isso sejam necessárias muitas ressalvas: o país se dividiu eleitoralmente ao meio, a vitória de Collor foi por pequena margem de votos e, considerada a interferência do poder econômico e dos meios de comunicação a seu favor, o pleito foi viciado e nada teve de democrático. Mesmo em relação à lisura na contagem dos votos surgiram dúvidas. O candidato do PDT, Leonel Brizola, chegou a lançar suspeitas.

Em que sentido, pois, analisar o novo governo que assume? Qual o seu caráter? Que

forças o apoiam? Para que rumo levará o país com sua orientação? São interrogações presentes.

Apesar da estridente demagogia populista, das diatribes “contra as elites” e de promessas de que governará para os “descamisados” e “pés-descalços”, o programa de Collor, suas declarações recentes, a unanimidade que conquistou junto às classes dominantes e o capital estrangeiro, a composição do seu Ministério e a base de sustentação política que está articulando no Congresso não deixam margem para dúvidas: Collor é um típico representante do conservadorismo, sua plataforma se volta para o objetivo de aprofundar e levar às últimas consequências o modelo de desenvolvimento antinacional e antipopular. Por paradoxal que pareça, o que há de novo na “era Collor” é que ele, sendo representante de poderosas facções das classes dominantes vinculadas ao imperialismo, combinará a demagogia social com a determinação de consolidar o modelo capitalista dependente. Nesse sentido será um governo sem ambigüidades.

Sua inspiração ideológica é a moda destes tempos de “fim da história” que presenciamos — o neoliberalismo, uma onda que se espalha mundo afora. As medidas que preconiza seguem o receituário das instituições financeiras controladas pelo imperialismo — continuar pagando a dívida, abrir as portas do país à penetração do capital estrangeiro (a chamada internacionalização), a privatização de setores da economia controlados pelo Estado, o combate à inflação às custas do povo trabalhador,

com arrocho salarial e recessão.

Ingredientes do fascismo

Politicamente, o governo Collor combina o personalismo autoritário — apresentado pela mídia como capacidade pessoal, firmeza, energia e dinamismo — com o populismo, a “comunicação fácil”, a sementeira de ilusões. A história já mostrou sobejamente que esses dois ingredientes, misturados por mãos hábeis, podem se transformar, em determinadas circunstâncias históricas, em algo parecido com o fascismo.

Sob o novo governo, o poder militar, embora discretamente, permanece intocado, impávido, inamovível em seu papel de tutor das instituições. Durante a campanha, o então candidato anunciou a disposição de substituir os ministérios militares por um Ministério da Defesa e “execrou” o SNI, que em seu governo seria extinto. Os ministérios militares estão aí, seus titulares foram os primeiros indicados em circunstâncias que evidenciaram não ter sido uma escolha pessoal do presidente. O SNI sofrerá apenas algumas alterações cosméticas, transformado numa secretaria especial da Presidência da República.

O Ministério

Na composição do Ministério, Collor levou a efeito sua determinação de formar um grupo fechado, uma espécie de clube de apaniguados. E combinou a busca de reacionários e entreguistas notórios, como Marcos Coimbra, Ozires Silva, Rogério Magri, Carlos Chiarelli, Joaquim Roriz

(além dos fardados), com a indicação de políticos tidos como liberais (caso de Bernardo Cabral), mas cuja atuação na Assembléia Constituinte mostrou sua essência conservadora e oligárquica. Não faltaram bravatas e lances promocionais, como a indicação do xerife Romeu Tuma para policiar os preços e o fisco, a do ambientalista Lutzenberger para a Secretaria do Meio Ambiente e do ex-craque Zico para a de Esportes. Houve ainda a insólita nomeação do presidente do Tribunal Superior Eleitoral, Francisco Rezek, para as Relações Exteriores. O magistrado, que era tão cioso da “isenção” com que dirigiu o pleito presidencial, abre mão de um cargo vitalício e se torna subordinado do presidente...

Ressurge a trama

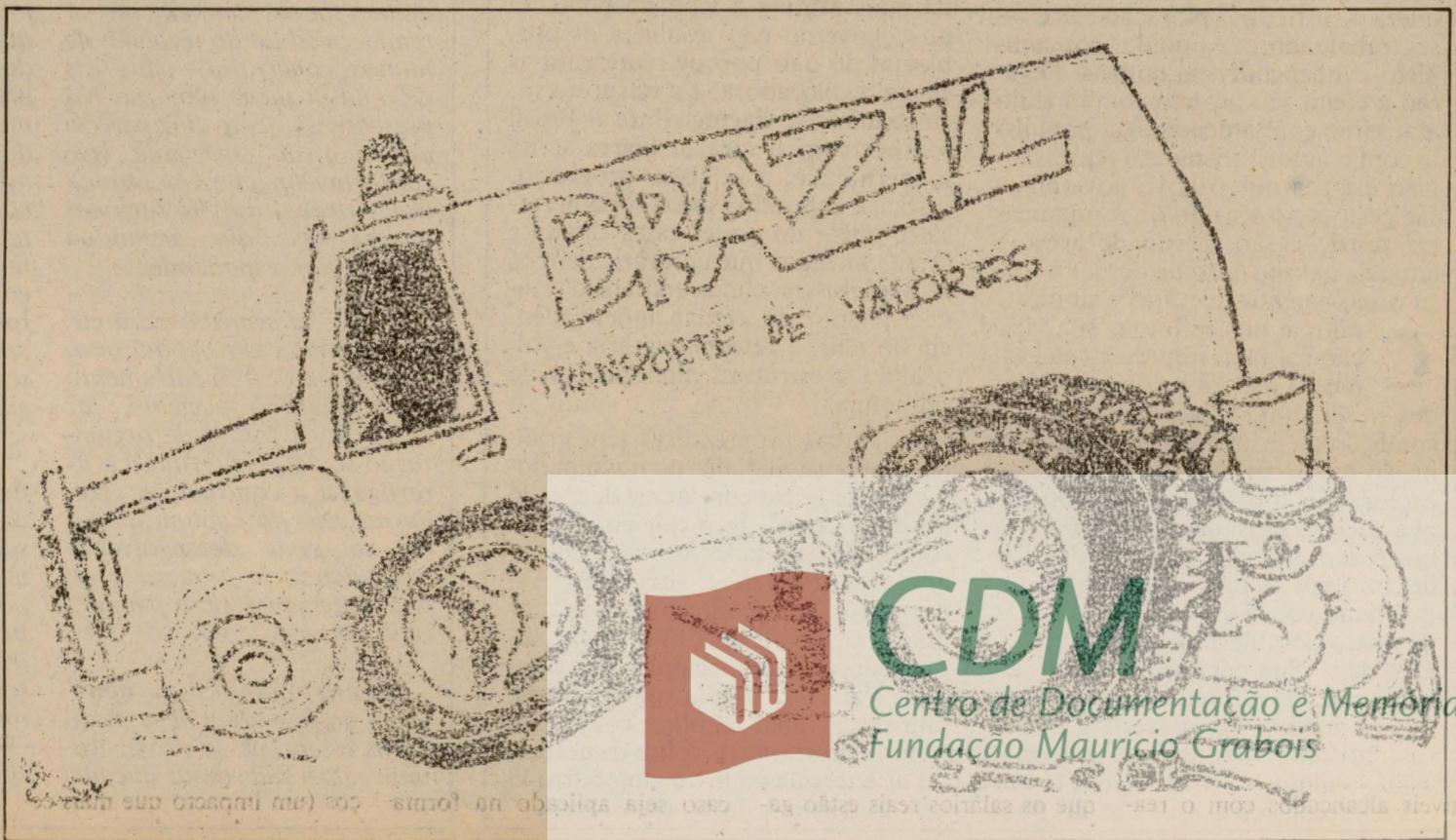
O caráter conservador do novo governo se pronuncia com nitidez ainda maior quando analisamos o processo de criação de sua base política. Collor dedicou boa parte do período da transição de governo, depois das duas viagens que empreendeu ao exterior, a contatos com os “políticos profissionais”, que ele tanto “condenou” durante a campanha. Visitou as lideranças dos partidos de direita e centro-direita e continua tentando seduzir o centro, hoje representado pelo PSDB. O resultado foi a obtenção de irrestrito apoio do PDS, PFL, PTB, PDC, PL e dos conservadores do PMDB. Sem tirar nem pôr — é o mesmo “centrão” que atuou na Constituinte. O senador Marco Maciel, após seguidos encontros com os articuladores políticos de Collor e com o próprio presidente, garantiu

não só o apoio do seu partido ao novo governo, como enfatizou que “o PFL será o partido de sustentação do governo Collor”. O senador pernambucano participou também de reuniões com o líder do PRN no Congresso, Renan Calheiros, e os deputados do PDS, Bonifácio de Andrada, Amiral Netto e Antônio Carlos Konder Reis, onde se iniciou a discussão sobre a fusão do PFL, com o PDS e o PRN, o que resultaria na formação de um “partidão” de apoio a Collor. Esta articulação mereceu no dia 08 de março a condenação de Leonel Brizola, do PDT: “estão pretendendo resuscitar a velha Arena, o que não passa de uma surpreendente falta de respeito ao povo brasileiro”, disse.

A mesma encruzilhada

A posse de Fernando Collor não anuncia, portanto, nada de bom para o povo brasileiro. O caminho que ele propõe trilhar levará a um esfomeamento ainda maior dos trabalhadores, ao aprofundamento da dependência do país, ao reforço dos grupos monopolistas e espoliadores da indústria e da agricultura.

Mas as condições que o país está vivendo no atual período histórico exigem a adoção de um novo rumo. Para se tornar uma grande, livre e próspera nação, o Brasil precisa romper os fatores de atraso, o que implica golpear profundamente o imperialismo, o latifúndio e o capital monopolista. E afastar do poder político os grupos reacionários que os representam. A passagem para uma nova era está, assim, condicionada à conquista da liberdade e da independência.



Lutas populares dependem da unidade

Quem acompanhou a crônica política nos dias que antecederam a posse do novo presidente teve de fazer um esforço maior do que o habitual para encontrar alguma referência ao conceito *oposição*. Tem-se a impressão, evidentemente superficial porque criada artificialmente, de que Fernando Collor assume o governo contando com a unanimidade nacional.

Governo de direita

Em declarações próprias e através de seus articuladores políticos — Bernardo Cabral, Renan Calheiros e José Inácio (tucano collarido) —, o presidente diz que fará o governo do “entendimento” e reitera sua disposição para promover o “diálogo nacional”. Recorre a todos os meios para formar uma maioria no Congresso, tendo em vista a urgência de aprovar medidas relacionadas com o combate à inflação e à crise econômica. E arma uma estratégia de médio prazo, visando vencer as eleições para governadores e para o Congresso Nacional de outubro próximo.

As forças de direita e centro-direita já definiram, desde o primeiro momento, sua adesão ao novo governo. Nada mais natural. É o governo delas. E os partidos e personalidades tradicionalmente identificados com as causas democráticas, como se comportam?

Esquerda é oposição

Na área da esquerda, há um núcleo de partidos com um claro posicionamento contrário ao governo Collor. PCdoB, PT, PSB e PDT declararam-se de oposição. Na última reunião do seu comitê central, o PCdoB lançou um manifesto à nação, conclamando todas as forças democráticas e populares a se unirem e formarem o Movimento Democrático de Oposição Popular. Os comunistas consideram que somente um movimento assim “será capaz de barrar a marcha antipovo e antinacional do governo Collor e gerar condições favoráveis às mudanças de fundo que o país reclama”.

Além da direção do PCdoB, Lula, Brizola, Miguel Arraes, Waldir Pires e setores do PMDB e PSDB têm se declarado de oposição. A proposta de formar um movimento oposicionista articulado com a campanha para as eleições deste ano tem encontrado ressonância.

Contudo, em termos práticos, sua concretização ainda esbarra em dificuldades, seja de compreensão política, seja as que são criadas localmente em função da campanha eleitoral. Em muitos Estados, interesses particularistas têm retardado a organização da frente oposicionista. Para ficarmos só com um exemplo, é emblemático o caso do Rio Grande do Sul, onde a falta de

entendimento entre o PT (que insiste na candidatura própria) e o PDT (partido que inegavelmente é o mais forte na esquerda gaúcha), prejudica o esforço pela unidade empreendido pelas direções nacionais dos partidos progressistas.

“Oposição amena”

Outro componente na análise

do comportamento das forças democráticas é a atitude do PSDB. Tido por muitos como de centro-esquerda, embora de fato seja de centro, o partido dos tucanos polariza considerável parcela da classe média democrática e da intelectualidade progressista. Por isso os pronunciamentos, de suas lideranças, ambíguos, sinalizando

ora oposição ora adesão ao novo governo, criam um clima de certa perplexidade. No dia 6 de março, a reunião da Executiva Nacional do PSDB aprovou documento de autoria de Hélio Jaguaribe, relatado pelo senador Fernando Henrique Cardoso, intitulado “O PSDB e a crise brasileira”, listando uma série de medidas do novo governo que o partido deve apoiar. Politicamente, a atitude não é nova, pois o presidente do PSDB, Franco Montoro, já havia feito o mesmo quando recebeu em audiência por Collor. No dia da posse, Fernando Henrique Cardoso escreveu na “Folha de São Paulo”: “É natural que o País conceda ao novo governo cem dias de graça.”

Desde a proclamação do resultado eleitoral, o PSDB alterna essas declarações de apoio a Collor com propostas de fazer “oposição amena”. Autoproclama-se como a esquerda “moderna” e estigmatiza os comunistas, o PT e o PDT com o epíteto de esquerda “arcaica”.

A posse do novo governo criará uma situação política nova. Os partidos vão se diferenciar segundo o posicionamento que assumam perante ele. Isto, sem dúvida, demarcará com maior nitidez as forças políticas de esquerda e aquelas que, pela sua natureza de classe, situam-se no campo das elites. Apesar das aparências, os tempos não são propícios às ilusões. (JRC)



Plano econômico trará arocho e recessão

Umberto Martins

Até o momento em que fechávamos esta edição da *Classe* o novo governo ainda não havia divulgado o pacote econômico com o qual pretende enfrentar a crise brasileira, e particularmente a inflação. Porém, já não havia muitas dúvidas de que ele recorrerá a uma “terapia de choque”, com características semelhantes às dos planos aplicados por Sarney.

Antes mesmo da posse, a equipe de Collor combinou com o governo que se despede do Planalto a imposição de um feriado bancário de três dias, eliminando em dois terços do período a remuneração dos títulos públicos, o que lhe proporcionaria um abatimento de 4 a 5 bilhões de dólares na dívida interna, segundo os especialistas. O feriado bancário já prenunciava a adoção de “medidas fortes” na área econômica.

O pacote

Era dado como certo, na véspera de sua edição, que do pacote constaria o congelamento de preços (ainda que por um período curto, de 15 a 30 dias) e salários — estes nos níveis alcançados com o rea-

juste de março. Ao lado disto, contava-se com um “tarifaço” (elevação das tarifas públicas, em torno de 80% na média), uma maxidesvalorização do cruzado de 30 a 40% em relação ao dólar, além, entre outras iniciativas, da demissão de 180 mil funcionários públicos federais, restrições a operações de curto prazo no mercado financeiro (de forma a alongar o período de rolagem da dívida interna para no mínimo uma semana), implementação de um programa de privatizações e a promessa de “zerar” o déficit público também com medidas de natureza fiscal, destacadamente o aumento de impostos.

Arrocho salarial

Se confirmado, o congelamento dos salários nos níveis pretendidos por Collor representará a consolidação de um novo e brutal arrocho contra os rendimentos auferidos pelos trabalhadores, através do antigo e desgastado método do reajuste pela média do valor real.

É claro que mais uma vez serão reprisados os argumentos de que não se trata de arrocho, que os salários reais estão ga-

rantidos, que não se deve raciocinar em termos de valores nominais, os trabalhadores têm de se contentar com a média decretada etc. E provavelmente nada menos que o líder do sindicalismo de resultados Rogério Magri, na função de ministro do Trabalho, ocupará cadeia de rádio e televisão para defender tais raciocínios.

Porém, o movimento sindical já está calejado e mesmo cansado de responder essas banalidades. Na verdade, tentar-se-á impor o arrocho, com a única diferença em relação aos planos da época de Sarney de que a sangria será maior. Presenciamos um novo recorde. Sarney em 89 logrou superar Sarney de 87, quando havia decretado o “maior arrocho salarial da história”, conforme observaram os técnicos do Dieese.

Pois bem, o Plano Bresser implicava perdas salariais de 37% em média; o Plano Verão, já na época de Mailson da Nóbrega, o superou neste sentido, consubstanciando perdas de 40% em média. Já o plano de Collor (ou Zélia, ou Magri, seja qual for o nome que se lhe dê) poderá ser ainda mais perverso para os trabalhadores, caso seja aplicado na forma

anunciada — surrupiando a inflação do último mês, medida entre os dias 16 de fevereiro e 15 de março, que deverá ser igualmente a mais alta da história. A defasagem entre salários e preços ficaria em torno de 80%, o que determinará que nem mesmo a média do valor real dos salários do mês precedente seja alcançada, consagrando perdas de aproximadamente 45% em média, maiores, portanto, que as impostas por Mailson através do Plano Verão.

Evidentemente isto não será aceito sem luta pelos trabalhadores. É bom lembrar que os planos anteriores motivaram greves gerais no país — a maior delas precisamente após a decretação do Plano Verão. Os dirigentes sindicais já estudam a possibilidade de deflagrar um movimento semelhante este ano.

Inflação

Outro aspecto que merece ser apreciado é o caráter eminentemente inflacionário de algumas medidas constantes do pacote, especialmente a maxidesvalorização do cruzado e o “tarifaço”. Ambas têm um forte impacto nos preços (um impacto que mais ce-

do ou mais tarde acaba por encontrar uma forma de se manifestar no mercado), uma vez que contribui para acirrar as contribuições e os desequilíbrios entre os preços relativos da economia, aumentando, por exemplo, custos para importadores, bem como para setores vulneráveis à oscilação das tarifas públicas — e evidentemente tudo isto deflagra também a luta pelo repasse dessas despesas extras aos preços finais das mercadorias e serviços afetados (os poderes do “xerife” Tuma evidentemente não são infinitos).

Ao lado disto, a maxidesvalorização do cruzado de imediato resultará no aumento da transferência real de riquezas ao exterior, estimulando as exportações — ainda que Collor especule com a necessidade de reduzir a remessa de recursos, pelo menos à metade do nível médio dos últimos anos, esta sua medida aponta precisamente no sentido contrário e de concreto agrava o que o líder do PDT, Leonel Brizola, chama de “perdas internacionais”. Desta forma, o primeiro pacote da “era Collor” vai se revelando uma reprise, de cada vez menos toleráveis.

As sucessões na história (final)

1985—1989 — Transição conservadora

José Carlos Ruy

Vamos matar a cobra com seu próprio veneno, anunciou Ulysses Guimarães, presidente nacional do PMDB, em 1984 quando, após a derrota da emenda Dante de Oliveira (que previa eleições diretas para presidente da República), tiveram início as articulações para o lançamento da candidatura opositora no Colégio Eleitoral.

Tratava-se, então, de unir em torno do nome de Tancredo Neves, o moderado conservador mineiro, as forças que naquele ano haviam comandado a maior manifestação de massas vivida pela história do Brasil, a Campanha das Diretas, que — entre novembro de 1983, quando ocorreu o primeiro comício em São Paulo, e abril de 1984 — levou milhões de brasileiros às ruas exigindo um elementar direito democrático: o de eleger o presidente da República. Campanha notável, teve seus pontos altos em dois comícios gigantes: no Rio de Janeiro, em 10 de abril, com 1 milhão de pessoas, e em São Paulo, seis dias depois, com 1,7 milhão de participantes.

Uma campanha que levou milhões de pessoas aos comícios

Os casuísmos da ditadura foram mais fortes, porém, e a emenda constitucional não conseguiu os dois terços dos votos na Câmara Federal, necessários para transformá-la em lei. Teve 298 votos a favor, 65 contra, e abstenções e 112 ausências de deputados que não tiveram a coragem de assumir publicamente sua oposição ao desejo popular. Falaram apenas 22 votos para que aquela maioria absoluta exigida pela Constituição fosse obtida.

A ditadura venceu no plenário do Congresso Nacional, mas as ruas, ocupadas por milhões de brasileiros, correram a base de sustentação do poder dos militares. 1984 foi assim o ano das grandes deserções, ano em que os políticos conservadores, pressentindo o naufrágio próximo, procuraram rapidamente afastar-se daquele poder que, nas duas décadas anteriores, haviam ajudado a construir e a cuja sombra floresceram.

A frágil costura dos grupos político-militares em torno do general Figueiredo começou a se desfazer nos primeiros anos de seu governo, em consequência das disputas sucessórias. Mas foi no primeiro semestre de 1984 que aquela articulação das elites conservadoras

se esborroou. A fidelidade da maioria parlamentar do PDS, o partido dos generais, já havia sido arranhada em setembro de 1983 quando, pela primeira vez em dezoito anos, um decreto-lei do Executivo foi rejeitado no Congresso Nacional: o decreto 2024, de maio de 1983, que limitava os aumentos de salários. Nas votações importantes que se seguiram — em outubro de 1983, votação do decreto 2045, que também arrojava os salários, e em abril de 1984, votação da Emenda das Diretas — o general Figueiredo decretou medidas de emergência para o Distrito Federal, obrigando o Congresso a votar aquelas matérias sob tutela militar, sob um autêntico estado de sítio cujo objetivo era afastar as pressões populares para longe do parlamento.

O endurecimento expresso na adoção das medidas de emergência foi reflexo do crescente isolamento do regime militar. Mais e mais, líderes conservadores afastavam-se da ditadura e defendiam uma transição sob controle para a democracia. Em fevereiro de 1984, formou-se um grupo Pró-Diretas no PDS, em apoio à Emenda Dante de Oliveira. A cisão aprofundou-se no partido do governo, culminando na renúncia de seu presidente nacional, José Sarney, numa reunião da executiva do PDS, em junho de 1984, onde uma proposta foi feita por ele para conter o crescimento da candidatura ultradiretista de Paulo Maluf. Sarney havia proposto a realização de uma prévia entre as bases do PDS para escolher o candidato à sucessão de Figueiredo. Derrotado na executiva, deixou a direção do partido e uniu-se a Aureliano Chaves, Marco Maciel e os outros dissidentes pedessistas que, liderando o grupo Pró-Diretas, articulavam a formação de uma Frente Liberal. Em junho os dez governadores da oposição anunciaram em São Paulo seu apoio ao governador mineiro, Tancredo Neves.

Nos mês seguinte, os dissidentes do PDS formaram a Frente Liberal e aderiram à candidatura opositora. O PMDB e a Frente Liberal selaram seu acordo em julho, quando foi acertada a indicação de José Sarney como vice de Tancredo. O programa da Aliança Liberal, nascida desse pacto, previa, entre outras coisas, eleições diretas para o sucessor de Tancredo; redução do mandato presidencial de 6 para 4 anos; igualdade de condições entre o PMDB e a Frente Liberal no comando da campanha. O programa da Aliança Liberal previa também a autonomia sindical, uma reforma eleitoral que fa-



Na campanha das diretas o povo acusou a direita

cilitasse a organização dos partidos e, principalmente, assumia o compromisso de convocação de uma assembléia constituinte para eliminar o autoritarismo herdado dos militares e institucionalizar a democracia no país.

Tancredo alertou: os brasileiros devem se preparar para o pior

A vitória da ditadura contra a campanha das diretas revelou-se, poucos meses depois, vã. Houve ainda os que tentaram reverter, pela força, aquilo que parecia perdido no processo político: a manutenção do poder político pelos militares e pelas elites conservadoras a eles ligados. A campanha eleitoral foi marcada, assim, por boatos de golpe militar e por ações clandestinas de radicalistas da direita, que tentaram reanimar os velhos anticomunistas e chegaram a cobrir Brasília de panfletos contra Tancredo Neves. Na cúpula do regime, os sinais eram de que poderia haver resistência. O próprio Tancredo Neves, em julho de 1984, alertou o país dizendo que “os brasileiros deveriam estar preparados para o pior”. Seus temores foram suscitados pelo almoço, ocorrido alguns dias antes, entre os generais João Batista Figueiredo e Ernesto Geisel. Segundo a revista *Veja* (18.7.1984), Geisel tentou convencer Figueiredo a retomar o controle da sucessão presidencial, na qual ele, aparentemente, havia desistido de influir. O almoço não teve efeito, e Figueiredo, mais tarde, teria confiado a um de seus ministros: “ele queria que eu reto-

masse o controle da sucessão com a força do AI-5, que ele mesmo extinguiu”. Meses mais tarde, Figueiredo reconhecia a proximidade do fim do ciclo dos generais presidentes, e afirmou à *Veja* (12.12.1984): “as Forças Armadas de qualquer país jamais poderão ser permanentemente o elemento básico do controle social. Nenhum poder se manterá apoiado unicamente na força, e menos ainda na violência”. Era um reconhecimento tardio do fracasso desses métodos que, até o começo do ano, na votação das diretas, o próprio Figueiredo havia invocado para conter a avalanche opositora. Ele refletia também os entendimentos secretos entre Tancredo e os militares — sacramentados num encontro entre o candidato opositor e o ministro do Exército-Walter Pires ocorrido no Rio de Janeiro, em novembro de 1984. Amenizando a ruptura que sua eleição poderia significar em relação ao Regime Militar, Tancredo lançou então — num comício proferido em Vitória, Espírito Santo — o projeto de construção de uma Nova República, uma fórmula moderada para definir o fim da ditadura e o início da transição para a democracia.

Dessa forma, com base num compromisso que reunia, em defesa da democracia, os setores mais dispares da sociedade brasileira — desde os comunistas e a esquerda, a liberais conservadores que até a véspera eram sustentáculo do regime militar — Tancredo Neves apresentou-se em 1 de janeiro de 1985 ao Colégio Eleitoral convocado para indicar o sucessor de Figueiredo. Sua vitória, previsível, foi folgada:

teve 480 dos 686 votos daquele Colégio. Paulo Maluf teve 180 votos, e houve 26 abstenções.

Eleito num quadro de grande esperança popular de mudanças na vida política e social do país, Tancredo tornou-se o presidente que não foi: por uma coincidência trágica, adoeceu gravemente na madrugada de 15 de março de 1985, data de sua posse. Foi assim que, por um azar do destino, o comando da presidência e da transição democrática caiu nas mãos dos políticos da Frente Liberal, Sarney à frente. A transição, que com Tancredo se configurava problemática e moderada, assumiu agora traços ainda mais marcadamente conservadores. Sarney governou com o ministério escolhido por Tancredo Neves, em comum acordo com a Aliança Liberal, até que a primeira eleição ocorrida no país, para prefeitos das capitais, deu-lhe o pretexto para afinar o governo à nova correlação de forças. A eleição foi a de 1985, e sua grande estrela foi o ex-presidente Jânio Quadros, eleito prefeito de São Paulo numa disputa apertada, onde derrotou Fernando Henrique Cardoso, que era apoiado por todas as forças progressistas da capital, exceto o PT, que concorreu com candidato próprio àquela eleição.

Sarney montou então um novo ministério, afastando dele os velhos militantes opositores e entrando em linha de colisão com o PMDB. O programa da Aliança Liberal foi parcialmente cumprido. Sarney convocou a Assembléia Constituinte em 28 de junho de 1985, sendo eleita em novembro de 1986 e instalada em fevereiro de 1987. Jogou pesado, porém, em defesa dos interesses conservadores, particularmente em defesa dos cinco anos para seu próprio mandato (rompendo o compromisso de governar por quatro anos, assumido pela Aliança Liberal). Pressionou pela manutenção do mesmo papel desempenhado pelas Forças Armadas nos governos anteriores, prevendo sua intervenção nos assuntos políticos internos. Descumpriu também a intenção de realização de uma reforma agrária que modificasse estruturalmente o perfil do campo brasileiro.

O governo Sarney foi incapaz de enfrentar problemas nacionais

Na área econômica, o governo Sarney foi incapaz de enfrentar de forma satisfatória para os interesses nacionais os problemas gerados pela monumental dívida externa que os

Arquivo

governos militares deixaram ao país. As soluções tentadas para enfrentá-la atendiam principalmente às conveniências e interesses dos credores internacionais, como o programa de conversão da dívida, no qual se previa que os credores poderiam adquirir bens no país pelo valor integral da dívida brasileira. Um prejuízo para o país, uma vez que os títulos da dívida chegaram a ser negociados no mercado internacional a até 28% de seu valor de face!

Para enfrentar a inflação, conseqüência do descontrole econômico gerado pela dívida externa, Sarney foi um campeão de choques na economia. Começou com o Plano Cruzado, em fevereiro de 1986, corrigiu-o em novembro daquele ano (Cruzado II), adotou o Plano Bresser, em junho de 1987 e terminou seu governo com o Plano Verão, de janeiro de 1989. Todos com o objetivo de conter o déficit público e o crescimento da inflação. Todos eles, igualmente, não conseguiram esse objetivo, e Sarney termina seu governo com uma inflação que beira os 100% ao mês.

Grandes avanços democráticos foram consolidados nesse período: todos os partidos políticos são legais, todos os cargos eletivos são preenchidos por eleições, não existe mais censura, a autonomia sindical está consignada na Constituição de 1988, que também define como crime hediondo a tortura e instituiu mecanismos de intervenção popular como o mandato de injunção e a iniciativa popular como meios de garantia dos direitos constitucionais e de iniciativa da população na criação de novas leis.

O governo Sarney, por outro lado, foi marcado por um conservadorismo muito forte. Governo "domesticado pelos diversos grupos de interesse que o geraram e asseguraram sua sustentação política" (diz o cientista político Wanderley Guilherme dos Santos), sua marca característica pode ser definida pela frase que Roberto Cardoso Alves, um líder do **centrão** na Constituinte, proferiu para justificar seu próprio fisiologismo. "É dando que se recebe".

O rumo conservador do governo Sarney — que, em novembro de 1988, mobilizou soldados e tanques do Exército para ocupar a Siderúrgica de Volta Redonda, assassinando três operários — muito cedo traduziu-se em recortes de popularidade entre os presidentes que o país teve. Impopularidade que começou já no final do segundo ano de governo, quando — após a eleição de 1986, vencida em quase todos os estados pelo PMDB — Sarney adotou o plano Cruzado II, promovendo mudanças nos preços e no critério de afe-

rição da inflação. O anúncio dessas mudanças foi o estopim para uma das maiores manifestações populares de protesto ocorrida em Brasília, em 27 de novembro de 1986, com confronto entre povo e polícia e destruição de veículos policiais, militares e de órgãos do governo. Desde então, a queda na popularidade de Sarney — que havia sobeado altos índices de aceitação popular durante o Plano Cruzado — caiu sistemática e aceleradamente.

De tal forma que, como Figueiredo, anos antes, Sarney foi um espectador passivo de sua própria sucessão, sem poder para intervir nela ou mudar seu rumo. As vezes que tentou, oficiosamente, tomar a iniciativa, envolveu-se em episódios farsescos como o da quase indicação do animador de tevê Silvío Santos, no final da campanha eleitoral, num episódio marcado pela irregularidade e má-fé. Como apurou o **Jornal do Brasil**, a legenda do Partido Municipalista Brasileiro, de Armando Correa, foi negociada naquela jogada. Um mau negócio, pois o partido não tinha condições legais para disputar a presidência, e a farsa acabou impugnada pelo TSE.

Dois campos nítidos se enfrentaram nas eleições de 1989

Dois campos nítidos se defrontaram na eleição de 1989. De um lado, os conservadores dos mais diferentes matizes (Paulo Maluf, Afonso Camargo, Ronaldo Caiado, Aureliano Chaves, Afif Domingos, Collor de Mello), defendendo em uníssono um programa neoliberal cuja ênfase é a diminuição do papel do Estado na economia, redução dos investimentos sociais do governo, fim dos subsídios que beneficiam a população; defesa do aprofundamento do mercado capitalista como meio para sair da crise; apologia das mudanças ocorridas no Leste Europeu, mudanças de sentido capitalista naqueles países que haviam começado a construção do socialismo.

O outro campo foi formado pelas forças progressistas. Além da Frente Brasil Popular cujo programa de treze pontos definia uma saída popular e soberana para a crise política, econômica e social do país, até candidatos como o populista Leonel Brizola, o tucano Mário Covas, e o revisionista Roberto Freire. Ocupando a posição do centro neste espectro, estava Ulysses Guimarães, do PMDB.

A eleição de 1989 refletiu o profundo desejo de mudanças do povo brasileiro. Pela primeira vez, um metalúrgico — Luiz Inácio Lula da Silva — disputou com chances o mais alto cargo do país, e chegou perto da vitória — teve 37,8% dos votos válidos, no segundo



A campanha da Frente Brasil Popular Alcançou grande êxito e assustou as elites

turno, contra 42,7 do candidato vencedor, Collor de Mello, que conseguiu juntar em torno de sua proposta neoliberal os anseios de mudanças da população com os temores da elite de um presidente operário. Ele foi o candidato mais votado naquelas camadas que os pesquisadores de opinião chamam de classes E e A — as mais pobres e as mais ricas da sociedade, revelando um perfil populista conservador modernizado, que beneficiou-se das mais recentes técnicas de marketing para impressionar os setores desorganizados da sociedade (os "descamisados" de seus discursos) e, além deles, a **maioria silenciosa** medrosa e assustada ainda sensível aos apelos anticomunistas da elite.

Lula, por sua vez, exprimiu — em sua enorme votação — os setores mais avançados e modernos da sociedade brasileira. Exprimiu as mudanças profundas que o capitalismo promoveu em nosso país, principalmente nos últimos quarenta anos.

O Brasil de 1989 é um país completamente diferente daquele, que, cem anos antes, mandou embora seu imperador. País urbano e industrial, em 1980 existiam mais de 14 milhões de operários no país — isto é 32,6% de todos os trabalhadores brasileiros. No campo, o número de assalariados permanentes ou temporários, pequenos posseiros, pequenos parceiros e rendeiros — em 1976, esse contingente de lavradores era de 15,3 milhões de pessoas.

Embora precários, esses dados permitem vislumbrar as mudanças sociais profundas vividas pelo país. As oligarquias estaduais, que eram do-

nas inconteste do Brasil em 1889, hoje são resquícios de um passado que fica cada vez mais longe. A generalização do assalariamento rural minou o voto de cabresto e criou as condições para que o eleitor rural consolide seus passos independentes.

O eleitorado de 1989 reflete, em sua composição, esse quadro social do país. Cinco vezes maior do que o eleitorado da última eleição presidencial direta (a de 1960), em 1989 existiam 82 milhões de eleitores no país. Em 1960, um em cada cinco brasileiros votavam; hoje 56% da população vota. Em 1960, menos de 15% dos eleitores moravam em cidades; hoje, quase dois terços deles são urbanos e 25% moram nas capitais.

Porém, apenas 22 milhões dos eleitores têm emprego regular; outros 10 ou 15 milhões ocupam-se na chamada economia informal. Isso significa que apenas 37 milhões de eleitores trabalham regularmente; os outros 45 milhões — mais da metade — não têm emprego regular ou não trabalham, formando provavelmente a massa de marginalizados onde Collor de Mello apoiou-se para chegar à presidência.

A história tem um novo protagonista: o povo brasileiro

A eleição de 1989 encerrou a transição entre a ditadura e a democracia. É início de uma nova era na vida republicana brasileira sob o signo da atualização e modernização, da atualização do moralismo udenista que Collor de Mello encarna.

A eleição de dois políticos jovens e que, até então, estavam praticamente afastados do centro do poder — apesar de Collor de Mello vir de uma família de sólidas raízes oligárquicas em Alagoas e herdar um patrimônio político e econômico que seu pai, Arnon de Mello, manteve e consolidou sob a ditadura militar —, a eleição de tais políticos demonstra o forte desejo de mudança, de insatisfação com as antigas gerações de chefes partidários, de desacordo com a política elitista, de conchavos e acertos palacianos existente no passado. Lula pelo seu passado, Collor, pelo seu discurso e imagem construída pelos meios de comunicação, conseguiram diferenciar-se desses homens comprometidos com o passado, e que o eleitorado puniu.

Mas a formalidade dessa mudança não deve iludir a ninguém. Os conservadores modernizam-se, reciclam-se, para não perder o poder. Os progressistas, por sua vez, sensíveis ao forte avanço popular sinalizado pela eleição, devem também afinar-se com suas novas responsabilidades. A era nova que se inicia tem um protagonista que, tudo indica, veio para ficar: o povo, os operários e camponeses, os assalariados em geral, os militantes do movimento popular organizado. É um patamar novo alcançado pela luta política no país e, se há uma lição que o pleito de novembro deixou, é a de que essa organização precisa crescer, incorporar os "descamisados" e é necessário descobrir a linguagem que uma cidadania organizada e consciente a esses novos companheiros que comparecem à luta política.

Nas entrelinhas da Notícia

Faz parte do seu show

Clóves Wonder

Nestes últimos dias que antecederam, e também após, a posse do "homem", os veículos de comunicação de todo o Brasil perderam a pose e a vergonha. Sequer ficam corados. Não há fatos que não sejam criados por sua assessoria, não há notícia, verdadeira ou não, que não vire oba-oba, transformando tudo num grande show, com script, atores ensaiadinhos e até contra-regra.

E ainda tem editor de jornal que se leva a sério depois disso. Será que ainda não perceberam a coisa? Um jornalista que hoje está fora da profissão nos grandes órgãos de imprensa por não ter mais estômago para a coisa e se transformou em um cínico lobista que se casou com uma atriz para juntar as artes cênicas com as artes cívicas, me contava esses dias como funciona a coisa.

Tudo muito profissional, como gosta Roberto Marinho. Há três agendas, duas das quais são passadas para os jornalistas, via editores e donos de jornais, emissoras de rádio e TV e outra que funciona discretamente. Uma é a agenda do show: o pessoal do Coimbra matuta e bola que amanhã o presidente às 16 horas vai andar de bicicleta ou de caiaque no Lago Norte para dar imagem para as fotos de primeira página e nos noticiários de TV. A outra é a agenda dos fatos políticos, que os editores recebem, pautam e já editam antes do meio-dia, ou seja, antes dos fatos sequer acontecerem, para que a oposição não ocupe espaço na mídia, ou, se ocupar, que fique num canto da página ou num simples flash da TV.

A outra agenda é a de "trabalho", onde o presidente e seus asseclas costumam os acordos, preparam o que vão realmente fazer e outras maracutaias mais. E não se enganem, senhores. Esse governo todinho vai ser assim. Tudo um show "fantástico" para ser reprisado como uma novela das oito durante cinco longos anos. E muito profissional também.

Querendo ser sérios

Juntando as artes cênicas com as artes cívicas, esse novo governo ganhou a alma da mídia e da grande imprensa e pode até tentar enganar o povo durante algum tempo. Os jornalões criaram sessões colloridas, cadernos inteiros,

como a "Folha" com seu "Era Collor", que eu diria "É Collor" e o "Globo" e o "Estadão" alugaram definitivamente suas primeiras páginas para a divulgação do show.

Ora mostrado como o Don Quixote da burguesia, ora como o santo guerreiro contra o dragão da maldade e mais amenamente como o Indiana Jones das classes dominantes, Collor vai fincando sua imagem de "salvador da Pátria". Jornalistas que se prestam a assessorá-lo e a enganar o povo para que tal imagem seja veiculada é o que não falta.

É só ver o Alexandre Garcia, da Rede Globo. Aquele mesmo, que foi agente do SNI, depois porta-voz do general Figueiredo e depois palhaço televisivo. Junta ele e o Joelson Beting, que posa de um sério contador de abobrinhas nos intervalos das notícias e defende os interesses dos grandes grupos econômicos e estrangeiros em sua coluna diária em vários jornais e ficam a jogar confete no presidente, fingindo que o estão entrevistando. Um joga a bola para o outro, que mata no peito e joga no pé do presidente, que chuta direto no gol, já que o goleiro foi tomar sorvete no carrinho da esquina.

Tem os crápulas assumidos também, como o Ferreira Netto, que antes das eleições, alguns dias só, levou o presidente, por alguma coisa grande em troca, para seu programa de TV e lá mentir descaradamente sobre o "perigo" da candidatura da Frente Brasil Popular. A todo momento o Ferreirão, como é conhecido, deixava a bola da perfídia, da mentira, do anticomunismo e da safadeza quicando na área para o agora presidente chutar em gol.

E depois da eleição, agora, quase antes da posse, leva o homem de novo ao seu programa para dizer as besteiras de sempre e ameaçar quem ousa se opor a esse governo entreguista e antipopular que acaba de se instalar. Até o Carlos Castello Branco, o Castelinho, diz que é Collor, mas tem medo que ele possa exagerar na dose de autoridade e passar a ser autoritário. Ahn bom. Ainda bem que o Castelinho nos alertou a todos. Senão todo mundo iria acreditar no Alexandre Garcia, no Joelson e no Ferreirão. Comigo não, violão!

Provocações na visita de Fidel

Arquivo

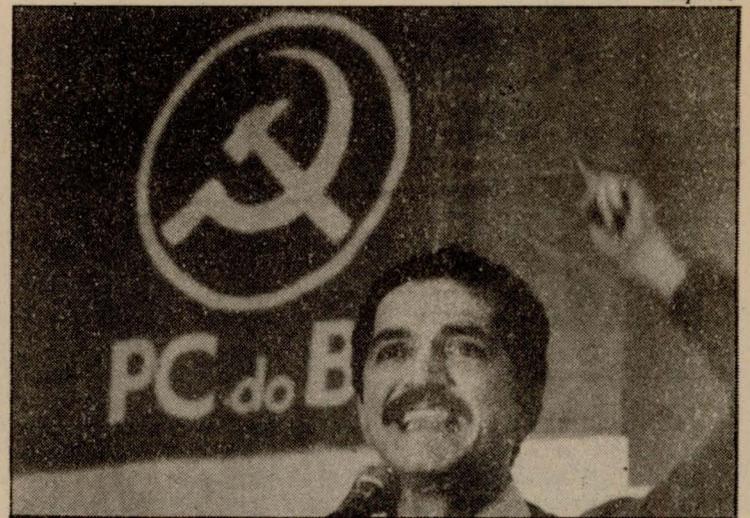
Já chegou ao Brasil a campanha que o imperialismo norte-americano, através de suas agências de espionagem, de políticos e intelectuais de direita está deflagrando em nível mundial contra Cuba. Usando uma tática esperta, os ianques encobrem suas intenções intervencionistas e de desestabilizar o regime cubano com o pretexto de pressioná-lo a realizar "eleições livres e diretas" para presidente da República.

Recentemente, duas das maiores expressões do pensamento neoliberal e de direita da América Latina, o escritor mexicano Otávio Paz e o peruano Mário Vargas Llosa, que é também candidato a presidente da República, articularam, em nível do continente, um abaixo-assinado entre intelectuais latino-americanos apresentando a mesma postulação. Chegaram a tentar envolver o grande escritor colombiano Gabriel Garcia Marquez, um simpatizante de primeira hora da revolução cubana. Evidentemente, fracassaram.

A visita que o dirigente cubano Fidel Castro realizou ao Brasil para participar, como chefe de Estado, das solenidades da posse do presidente da República do Brasil, ensejou que a direita brasileira também organizasse esse tipo de provocação rasteira, insinuando que não há democracia em Cuba. Sob a batuta de Roberto Cardoso Alves e outros notórios direitistas, articulou-se um abaixo-assinado batendo na surrada tecla de exigir que em Cuba se realizem "eleições livres".

Nada há para estranhar nessas atitudes da direita latino-americana e brasileira. Ela cumpre seu papel, ainda mais agora, que conheceu os frutos das eleições "livres" realizadas recentemente na Nicarágua. Certamente, ainda nutrem esperanças de que o povo cubano permitirá a entrada na ilha de espiões a soldo da CIA e que se aboitem nos hotéis de Havana urdindo complôs e distribuindo dólares a título de corrupção eleitoral.

Mas se nada há a estranhar nesses fatos, é motivo não só para estranheza, como de inquietação, um fato ocorrido na Câmara Municipal de São Paulo no último dia 7. Inquietação porque, desde a renovação havida com as eleições municipais de 1988 e a condução do vereador do PT Eduardo Matarazzo Suplicy à sua Presidência, aquela casa vinha sendo bafejada por ares democráticos e progressistas, apesar da força que ainda lá mantém a perversa direita paulistana. O fato: na moção em que convida o presidente de Cuba, Fidel Castro, a visitar a Câmara, a Mesa, dirigida por Suplicy, depois de proclamar solenemente o "respeito à autodeterminação do povo cubano",



Aldo: condenação frontal à ingerência nos assuntos de Cuba.

Arquivo



Suplicy: a ingenuidade leva a posições equivocadas.

achou-se no direito de manifestar o desejo de que "em breve, em Cuba, possa ser aprofundado o processo de democratização de suas instituições, inclusive com a realização de eleições diretas para a Presidência da República".

Representantes da direita na Câmara, como Antonio Sampaio do PDS e outros, assinaram a moção incontinenti. Mas os anais registram o apoio também do vereador Walter Feldman, do PSDB, que posa se progressista mas não perde oportunidade, a menor que seja, para manifestar seu anticomunismo.

Lamentável foi que no episódio a esquerda se apresentou dividida. Os vereadores Aldo Rebelo e Vital Nolasco, do PCdoB, além de não assinarem a moção, se pronunciaram contra a ingerência nos assuntos internos de Cuba. Falando em nome da bancada comunista, Aldo declarou achar a proposição "estranha, pois diante do cerco, da pressão e da violência que sofre o povo cubano neste momento, e de todo o conjunto de condições que vivencia a nação cubana, não podemos, tão distantes e sem conhecer as vicissitudes do povo cubano, que realizou

proezas e conquistas, querer ditar normas do avanço democrático daquela nação". Aldo disse ainda dirigindo-se ao presidente da Câmara: "discordo frontalmente, por caracterizar intromissão indevida no assunto e na soberania de um povo, que V. Excia. e que esta Casa recomendem a realização de eleições presidenciais em Cuba".

A discordância dos vereadores comunistas foi acompanhada pelos vereadores petistas Arselino Tatto, Henrique Pacheco, Tereza Lajolo e Valfredo Ferreira Silva.

Mas o representante do PCB na Câmara, Luiz Carlos Moura, e alguns vereadores do PT, seja por ingenuidade, seja por capitulação às pressões do imperialismo, apoiaram a moção: o líder do PT na Câmara, Maurício Faria (do grupo de Genóio Neto, ex-PRC, hoje "nova esquerda"), o líder da prefeitura, Pedro Dallari, Ítalo Cardoso, Jucelino Neto, Terezinha Martins e Tita Dias. E alguns desses, há bem pouco tempo, tinham Fidel como modelo da construção do socialismo.

É. Os tempos mudaram, as pessoas também. Seus ídolos agora são outros.

Embate metalúrgico em SP é imprevisível

Fóton/Paulo Torraca

Chega à reta final a campanha eleitoral do Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo. O clima é tenso, como em toda eleição de peso como esta. Marcado para os dias 19, 20, 21, 22 e 23, o pleito promete ser muitíssimo disputado, principalmente pelo fato de que desta vez a oposição ao gatuno Medeiros está unida em uma única chapa.

Durante o curto período de campanha, seu desenvolvimento deu-se de forma ascendente. No primeiro momento ela estava diluída, inconsistente. Medeiros procurou criar um clima de "já ganhou", aproveitando-se da dificuldade que parcela da massa tem de ver a questão da luta contra os planos de arrocho salarial do novo governo e o estreito vínculo deste com Medeiros.

Mais adiante, a campanha tomou uma forma mais agitada, com a chapa oposicionista denunciando a política de abonos, defendida pela Fiesp e aceita por Antonio Medeiros, que levou a categoria à perda do IPC de dezembro (53,55%).

A alegação de Medeiros para a antecipação das eleições era de que isso permitiria — quanta demagogia — que os trabalhadores pudessem assistir à Copa do Mundo com tranquilidade.

O certo é que Antonio Medeiros tenta esconder o verdadeiro marajá que ele é, não divulgando para ninguém seu salário. Ele mora numa pomposa casa do bairro -grã-fino Brooklin Paulista, em São Paulo, que hoje vale cerca de



Lula participou do lançamento da chapa oposicionista, causando entusiasmo entre os operários

120 mil dólares ou 1.631 vezes o piso da categoria (NCz\$ 6.030,). Antecipar as eleições, portanto, foi uma tentativa de golpear a oposição, tirando-lhe tempo e facilitar com isso o caminho da continuação de seus privilégios de comendador.

A verdade por mentira, a mentira por verdade

Preocupados com o crescimento da oposição, a chapa da situação procurou vincular a imagem de Chico Gordo, candidato a presidente pela oposição e Vital Nolasco, candidato a tesoureiro, a de marajás do parlamento. É que Chico Gordo, como suplente de deputado estadual, assumiu recentemente uma vaga e Vital Nolas-

co é vereador comunista na Câmara de São Paulo. Medeiros e seus seguidores acham que Chico e Vital, por serem operários, não podem fazer política. Acham que só o patrão pode. Os pelegos fingem não saber que os dois líderes metalúrgicos continuam morando nas mesmas casas, levando a mesma vida simples e realizando o mesmo trabalho duro, corajoso e persistente pelos ideais da classe operária.

A última tentativa dos pelegos de criar fatos contra a oposição foi a tentativa de extorsão feita por um delegado sindical, sobrinho de um dos diretos de Medeiros. O tiro sai pela culatra. O DEIC autuou em flagrante o pau-mandado do sindicato, com base no filme e na fita que os metalúrgicos da CUT usaram para gravar toda a trama.

Outro fato de desmoralização de Antonio Medeiros é seu comportamento diante das demissões na categoria. Mente para demitidos, com promessas de que conseguirá suas readmissões, mas condiciona

Durante a atual gestão, o sindicato buscou aniquilar as comissões de fábricas, para arrebentar a organização interna de luta dos trabalhadores. Várias demissões foram provocadas por vontade do comendador Medeiros e delação de seus diretores. Na Mafersa, por exemplo, o coordenador da comissão de fábrica, Walmir Santana de Almeida, candidato da chapa de oposição Unidade e Luta e seu vice da comissão, José Alex Andre da Silva Fº, foram demitidos, além deles cerca de 200 tiveram o mesmo destino, incluído aí cipeiros. Na Villares, na zona Sul, ocorreram 150 demissões. Na zona Leste, na empresa Matarazzo, antes tradicional reduto do sindicalismo de resultados, os operários demitidos vestiram camisa da chapa 2.

Outra adesão importante para a oposição é o apoio da comissão de fábrica da Ford, até pouco indecisa. Após uma assembleia na porta da fábrica, que contou com a presença de Lula, a comissão anunciou seu apoio e pediu adesivos e

bótons para fazer campanha. Na Voith, outra assembleia com grande sentimento de oposição. Nela estiveram presentes, Jair Meneguelli, Vital Nolasco e o encabeçador da chapa 2, Chico Gordo.

Abandono absoluto dos interesses de classe

Por mais que o sindicalismo de resultados mantenha seu fôlego, não conseguirá driblar o sentimento de insatisfação dos trabalhadores diante de uma inflação de mais de 70% ao mês, com projeção para o fim de março em torno de 89%, salvo possíveis artifícios do novo governo para maquiagem a escalada inflacionária.

Que ninguém tenha dúvidas. O sindicalismo defendido por Medeiros e sua chapa é pelego, patronal. Abandonou ou simplesmente ignorou bandeiras de lutas de vital importância para a categoria, como resoluções aprovadas no IX congresso dos metalúrgicos em 1989, sobre a política nacional, a saber:

Suspensão do pagamento da dívida externa, que vinha sendo defendida já há três congressos, foi simplesmente apagada e, em seu lugar, Medeiros adotou a "renegociação da dívida externa".

Jornada de 40 horas semanais: algumas empresas têm jornada de 48 horas semanais, desrespeitando claramente os dispositivos constitucionais; alguns patrões chegam a pagar apenas 50% do valor do piso da categoria. É, enfim, uma situação de total traição aos metalúrgicos de São Paulo, diante da omissão da diretoria do sindicato.

E não é simples de se resolver. Há necessidade da CSC e as diversas correntes da CUT reforçar ao máximo o poder de fogo da chapa 2. Afinal, a batalha (até o fechamento desta edição) não está decidida. É difícil fazer um prognóstico seguro para as eleições, podendo ter um resultado imprevisível.

Fóton/Paulo Torraca



Vital Nolasco, candidato da oposição metalúrgica, chapa 2, a tesoureiro geral.

Leste europeu: a lógica dos regimes revisionistas

Fredo Ebling

A Europa do Leste está no centro das atenções da opinião pública e da política internacional. Fala-se em "revolução", volta à democracia, liberdade etc. E o imperialismo, exultante, pensa ter encontrado uma válvula de escape para sua crise. Até Fernando Collor se preocupa e passou toda a sua viagem pela Europa queixando-se de que, agora, os capitais europeus não têm mais interesse de seguirem para a América Latina.

Os revisionistas entregaram o poder nesses países às forças reacionárias, abertamente anticomunistas. Se olharmos do ponto-de-vista histórico, o revisionismo conclui sua missão de fazer retroceder o socialismo e chegou ao seu fim lógico que é a total restauração do capitalismo. Mas se pode falar, também, do seu fracasso, pois trouxe incontáveis problemas aos povos do Leste que o "aparearam" do poder. Ele foi retirado da cena histórica pela força do movimento de massas e sai desmoralizado e humilhado.

Outro fenômeno concernente, também, às mudanças no Leste europeu é o dos ex-partidos comunistas transformando-se em partidos social-democratas. É verdade que ideologicamente já estavam nesse caminho, mas, agora, passaram, inclusive formalmente, a abandonar o comunismo. Fogem do passado como o diabo da cruz. Retiram a foice e o martelo das bandeiras, mudam de nome, sem falar nos câmbios programáticos.

Os partidos revisionistas dos países capitalistas encontram-se também numa profunda crise. Eles não encontram resposta para a afirmação de que o socialismo e o comunismo fracassaram. O que vocês defendem, lhes perguntam? Vejam o que aconteceu no Leste, lhes dizem. Ou seja, o próprio revisionismo retirou o terreno sob seus pés. Cavou as próprias sepulturas.

A propaganda burguesa aproveita e declara o fim do socialismo, afirma que o capitalismo é a ordem social mais avançada, à qual está ligado o futuro da humanidade. Aqui está a essência do problema. Para os marxista-leninistas está claro que o fracasso não é do socialismo, mas do revisionismo. O Partido Comunista do Brasil o denunciou, desde o nascedouro, há 30 anos, qualificando-o como uma traição ao socialismo. Mas isto não está claro para as amplas massas. Ao contrário, existe, disseminada, uma grande confusão ideológica.

Para ajudar a esclarecer o que se passou, vamos tentar responder a três perguntas que surgem da discussão sobre o assunto. 1. Por que isto aconteceu? 2. Como se explica que as massas, ao invés de se oporem ao capitalismo, estão a seu favor e, ainda, pressionam para apressar sua implantação? 3. Por que não aconteceu o mesmo com a Albânia?

Mudanças no Leste não são casuais. Foram preparadas há tempo

Antes de mais nada, é preciso que se diga que tais mudanças não são resultado do acaso, não se deram repentina-

mente e mesmo a velocidade com que se processaram não é de estranhar. Elas foram preparadas por um longo período de pequenas mudanças quantitativas que foram decompondo o velho conteúdo socialista para dar lugar a um novo, capitalista. As mudanças políticas e institucionais que estamos vendo não são outra coisa senão a mudança da forma de organização dessas sociedades para adequarem-se ao seu conteúdo capitalista.

Uma das causas principais para este retrocesso ao capitalismo foi a criação de uma camada de privilegiados que, gradualmente, foi se transformando numa nova classe burguesa, com os seus interesses próprios. Foi o fenômeno da burocratização do partido comunista e da vida do país. "Enquanto a maioria dos quadros soviéticos esforçavam-se para aplicar a acertada linha e as justas normas estabelecidas pelo Partido com Stálin à frente, em alguns, no começo de forma vaga e depois, pouco a pouco, de uma maneira mais ampla e cristalizada, foi surgindo um sentimento de estabilidade alheio à concepção revolucionária de desenvolvimento... Os êxitos no trabalho alimentaram o sentimento de auto-satisfação e, a par disso, os quadros soviéticos foram perdendo a simplicidade proletária; começaram a aumentar as pretensões injustificadas, que eles consideravam 'politicamente legítimas' porque haviam trabalhado e lutado. Com seu ascenso a cargos de responsabilidade cristalizava-se neles a tendência à acomodação e cada vez se infectavam mais de burocratismo, intelectualismo e tecnocratismo..."¹

Os partidos colocaram-se por sobre as massas, divorciaram-se delas, perderam sua autoridade. A educação ideológica era separada da realidade, dava conhecimentos mas não criava convicções. "Numerosos quadros já não escutavam como antes a voz das massas, neles ia afirmando-se, dia a dia, a idéia de que sabiam tudo, que eram especialistas em tudo, de que política e ideologicamente estavam acima das massas, acima da classe operária e de que enxergavam mais longe que elas. Todos estas características antiproletárias deformaram, nestes quadros, os conceitos revolucionários e estes mesmos quadros infectaram também a linha do partido e deformaram a sua aplicação; as normas revolucionárias do partido converteram-se em pura fórmula; a própria vida do partido e sua organização, assim como toda a administração estatal soviética, foram se esclerosando..."²

"Para onde podia conduzir tudo isso? À ruptura progressiva entre a direção e a massa do Partido e entre este público e a classe operária. Portanto, debilita-se, em essência, a unidade marxista-leninista. Stálin era o artífice da unidade leninista e de sua defesa, apesar do marxismo que existia. Depois de sua morte comprovou-se a ruptura desta unidade na direção e no partido bolchevique e os revisionistas usurparam o poder."³ Isso ocorreu não só no partido soviético mas esteve presente, também, nos demais que acabaram por abraçar o revisionismo.

Outro motivo foi a incapacidade dos partidos revisionistas no poder de resolver os problemas que se apresentavam. Acabaram por concluir que o socialismo

não pode dar resposta à eficiência no trabalho e que ele não se coaduna a formas democráticas de poder e que, portanto, conclusão "lógica", a saída está no capitalismo.

A URSS não encontrou caminhos para harmonizar suas relações com os demais países socialistas. Ela aplicava uma política de dominação, de submissão. Conclusão e resultado desta política foi, por exemplo, a agressão à Tchecoslováquia, em 1968. As pressões não podiam ser bem recebidas.

Logo após a II Guerra Mundial iniciou-se uma grande pressão do imperialismo. Qual foi a reação dos revisionistas a ela? Responderam no plano militar, mas no econômico, técnico e científico ficaram para trás, talvez em função da corrida armamentista imposta pelos EUA. A URSS defendia a tese da paridade militar e os meios econômicos foram concentrados na indústria bélica.

Perestroika foi como um sinal verde para os países da região

A perestroika foi como um sinal verde para as mudanças. Gorbachev pressionou para que elas acontecessem. O jornal alemão-ocidental "Die Welt" fala de pressões de Gorbachev sobre Honecker para que este assumisse o caminho das reformas e, também, de encontros secretos com Egon Krenz. Pode-se perguntar: qual seria o interesse da URSS nessas transformações? Agora esses países querem separar-se dela. Onde está a lógica? A perestroika começou há 5 anos na URSS, sem resultados até agora e, em alguns aspectos, a situação é ainda pior do que antes. Há pressões dos chamados conservadores e extremistas. Há os conflitos étnicos que assumem grandes proporções. A própria União Soviética está em causa. Gorbachev precisa de apoio externo e quer demonstrar, internamente, através do exemplo dos países do Leste, que a perestroika é um fato objetivo, que não há outro caminho.

O terreno para estas transformações estava preparado. Os partidos comunistas nos países do Leste se unificaram no pós-guerra com partidos social-democratas, que trouxeram consigo elementos pequeno-burgueses. É verdade que esta unificação se deu, em geral, à base de um programa comunista mas não houve tempo para consolidar as posições autenticamente proletárias. Essas fusões ocorreram em torno do ano de 1947 e muito pouco tempo depois, em 1956, veio Kruschov e a redenção para todo o tipo de oportunista.

Vejam, agora, como encarar a segunda questão: por que as massas, ao invés de repudiarem o capitalismo, o defendem e fazem pressão para que se apresse a sua implantação?

Quando os revisionistas assumiram o poder, os países do Leste europeu viam uma realidade híbrida, diante da qual havia duas alternativas: ou avançar no caminho do socialismo através de um processo revolucionário ou retroceder. O fator subjetivo, indispensável para o avanço, no entanto, não existiu. Os revisionistas permaneceram no poder por 30 anos e, neste tempo, introduziram uma

grande desorientação política e ideológica. Isto foi sucedendo gradualmente.

Mas não foram só fatores subjetivos que atraíram as massas para posições burguesas. Os fatores objetivos também desempenharam o seu papel. O atraso econômico, a estagnação, a burocracia tornaram-se insuportáveis e, assim, veio o descontentamento das massas. A verdade é que o socialismo, nos países do Leste, não tinha raízes no povo. Vejam um pouco da história para ilustrar esta afirmação.

No período inicial da II Guerra, Hungria, Bulgária e Romênia viviam ditaduras fascistas e eram aliados de Hitler. A Tchecoslováquia fora invadida pelos alemães e obrigada a submeter-se. A 1º de setembro de 1939 a Polônia é invadida e resiste por apenas 19 dias. As forças democráticas eram perseguidas e reprimidas. Muitos dirigentes comunistas estavam na URSS dirigindo a resistência de fora. A resistência ao inimigo nazifascista, em geral, foi débil, e pouco organizada.

Em 1945, o Exército Vermelho passou nesses países em perseguição ao exército alemão e, juntamente com este, foi derrotando as forças reacionárias internas desses países. Parte dos exércitos nativos passaram-se para o lado dos soviéticos e, juntamente com os dirigentes que estavam fora, foram formando o novo poder.

Na Romênia, até 1947, o rei Miguel continuava no trono. Com a pressão das forças democráticas e comunistas, ele teve que se retirar mas saiu de trem, com despedida oficial e levando toda a sua corte. Estranha maneira de se fazer uma "revolução".

Na Tchecoslováquia, até 1948 havia um governo de coalizão com Benes à frente. Em fevereiro de 48 ele queria expulsar os comunistas do poder. Não conseguiu porque o revolucionário proletário Gotwald mobilizou as massas, forneceu-lhes armas e organizou-se um movimento que acabou por conduzir os comunistas, com Gotwald à frente, ao poder, onde permaneceram até 1953. Gotwald morreu em Moscou, uma semana após a morte de Stálin. Foram feitas transformações na Tchecoslováquia neste tempo, mas parciais.

Na Polônia existia uma grande dose de nacionalismo burguês anti-russo em função das relações da Polônia com a antiga Rússia. O partido comunista funcionou até 1943 quando foi dissolvido pelo Komintern pois estava tomado por elementos nacionalistas. Quando houve a unificação que resultou na formação do Partido Operário Unificado Polonês, os socialistas eram a força mais expressiva e no partido predominaram elementos oportunistas que vieram à tona quando Kruschov assumiu e lançou suas palavras-de-ordem em 1954 e 55.

Democracias populares surgidas no pós-guerra eram ainda frágeis

Os velhos dirigentes comunistas morreram e conhecidos contra-revolucionários saíram da cadeia, como Gomulka na Polônia. Não havia quadros preparados na luta, em condições de assumir as responsabilidades da construção do no-

vo poder. Assim, houve uma transformação apenas parcial do velho aparato estatal e não a sua destruição. É verdade que foram tomadas medidas revolucionárias como a estatização, mas elas, no seu conjunto, foram parciais e insuficientes. Boa parte da grande burguesia foi liquidada mas não foi feita uma revolucionarização ideológica. Até 1947 e 48 havia, nesses países, um poder misto e não a ditadura do proletariado.

E oportuno fazermos um paralelo desta realidade com a da Albânia para entendermos por que o mesmo não aconteceu com o país das águas.

Em primeiro lugar, o socialismo na Albânia tem raízes profundas. O povo derramou seu sangue, e muitos sacrifícios foram feitos em prol do novo regime. Durante a guerra e na luta de libertação nacional houve um poderoso movimento guerrilheiro, com uma direção conseqüente, dirigindo o povo armado, no próprio campo de batalha. Desta luta participaram distintas forças políticas mas o Partido Comunista da Albânia nunca perdeu de vista a questão da tomada do poder pela classe operária. Quatro anos antes da libertação foram criados os Conselhos de Libertação Nacional. Em outubro de 1944, antes da vitória, foi constituído um governo provisório com base nos Conselhos de Libertação Nacional. Assim, quando veio a libertação, ela já encontrou um poder popular constituído e este poder foi a ditadura do proletariado.

O Partido do Trabalho da Albânia sempre foi independente, não aceitou as pressões dos inimigos nem dos "amigos". Nunca aceitou imposições de fora na definição de sua linha política. O mesmo não sucedeu com os partidos do Leste. Quando morreu Stálin, as direções desses partidos foram substituídas. Veio Brezhnev e nova mudança. Com Gorbachev aconteceu a mesma coisa. Em resumo, estes partidos não tinham independência.

Os problemas que existiram no Leste apareceram, também, na Albânia, mas o seu tratamento foi distinto. O 1º Congresso do PTA, realizado em 1948, por exemplo, enfrentou alguns deles. O primeiro dizia respeito à tendência de Koçe Xoxe de colocar o partido sob controle dos órgãos de segurança. Ele era secretário de organização do partido e ministro do Interior, numa fórmula copiada dos iugoslavos. Conceder o poder aos órgãos de segurança era a base para a violação da legalidade socialista. Assim, o

Congresso do partido, numa decisão acertada, colocou a segurança sob a direção do partido e do Estado e não o contrário como pretendia Xoxe. Houve outras tentativas de subverter a ordem socialista, retirando o partido dos trilhos do marxismo-leninismo. Foi o caso de Mehmet Shehu e outros, mas estes nunca conseguiram tornar sua atividade legal, realizá-la abertamente, muito menos transformá-la em linha do partido.

Albânia rejeitou os preconceitos estreitos contra os intelectuais

Outro problema havido no Leste e que se apresentou também na Albânia foi o do tratamento dispensado à intelectualidade. Naqueles países ela foi marginalizada na definição da linha política do partido e acabou por voltar-se contra o socialismo e colocar-se na vanguarda das reformas burguesas. Na Albânia, o mesmo Koçe Xoxe dizia que a intelectualidade é opositora do socialismo. Tal concepção foi rejeitada no 1º Congresso do PTA e foi dado o devido papel à intelectualidade, como aliada do proletariado.

Outra questão diz respeito ao combate ao burocratismo. De 1965 a 1975 foi desenvolvida uma grande luta contra ele tendo-lhe sido assestados grande golpes, especialmente no que diz respeito à separação dos quadros das massas. Quando surgiu o revisionismo, o partido do Trabalho da Albânia polemizou com ele, mas não ficou só nisso. Tirou lições e adotou medidas práticas para combatê-lo. Foi dada muita importância à preservação da pureza das suas fileiras.

Analisando os fatos, do ponto de vista do seu desenvolvimento, de sua origem e maturação, podemos concluir que o que aconteceu no Leste da Europa não era, absolutamente, inevitável, não era uma fatalidade. O retrocesso não foi o resultado da incapacidade do socialismo resolver os seus problemas mas do gradual afastamento dos seus princípios e de suas leis, que tiveram por base o apartamento dos quadros das massas, a deformação da linha marxista-leninista do partido e a quebra da unidade entre o partido e o povo.

Os acontecimentos no Leste Europeu trazem outras conseqüências. A reunificação das duas Alemanhas passou a ser um problema da ordem-do-dia e que ganhou um impulso ainda menor com a

declaração de Gorbachev a Hans Modrow de que, por princípio, era a favor da reunificação. Os EUA, França, Inglaterra e Itália são contrários ou, no mínimo, têm restrições a ela porque a Alemanha unida se tornaria uma potência ainda mais forte e, especialmente os países europeus, receiam que ela poderia até perder o interesse no Mercado Comum para organizar o seu próprio agrupamento. Gorbachev levou isto em conta ao sinalizar com um "sim" à reunificação e, principalmente, que a URSS está na Europa, tem fortes interesses no continente e lhe interessa um bom acordo com a Alemanha. A proposta de uma Alemanha unificada e neutra tem grande receptividade, junto ao povo. A OTAN, com os EUA à frente, no entanto, a considera inadmissível pois poderia provocar uma reação em cadeia dos povos europeus em favor da exclusão dos seus respectivos países das alianças militares. A verdade é que as massas populares são a favor da unificação e podem criar um movimento irresistível a seu favor.

Pacto de Varsóvia não tem mais sentido, mas todos temem o seu fim

Outro aspecto a levar em conta nos acontecimentos do Leste é que o que ali aconteceu põe em perigo o Pacto de Varsóvia. E por paradoxal que possa parecer, isto não interessa ao ocidente. Tal perspectiva traz preocupações pois se não há o Pacto de Varsóvia por que deve existir a OTAN? Não é por outro motivo que os generalões americanos que comandam esta organização agressiva manifestaram-se, enfaticamente, pela preservação de seu outrora arquiinimigo.

A URSS transformou-se num enigma. Ninguém pode afirmar, com segurança, que rumo ela irá tomar. A crise prossegue em ritmos acelerados. O partido revisionista não funciona como antes. E desafiado pelos partidos das repúblicas, pelas frações internas e surgem novas forças que desafiam a sua direção. Há pressões para acabar com o monopólio do poder e a última reunião do Comitê Central deu passos nesse sentido. Agravam-se os conflitos étnicos. Há perigo real de dissolução da URSS.

Mais uma vez, parecendo paradoxal, os EUA não querem que isto aconteça pois temem que a dissolução da URSS rompa o equilíbrio atual de forças no mundo. Por isso as fortes e insistentes

declarações da Casa Branca em apoio ao uso da força e do estado de emergência no Cáucaso. Além disso, há o temor de que a independência das repúblicas soviéticas provoque também uma reação em cadeia e se questione a dominação inglesa sobre a Irlanda ou dos Estados Unidos sobre territórios que pertencem ao México, etc...

A propagandeada "revolução" do Leste trouxe conseqüências para o movimento revolucionário. Ela, inegavelmente, foi um duro golpe no socialismo. Se na II Guerra Mundial a correlação de forças havia se alterado em favor do socialismo, agora, ao contrário, quem sai fortalecida é a reação, mundial. A revolução está numa maré vazante. A propaganda burguesa tenta apresentar esta situação como definitiva buscando nublar a perspectiva revolucionária das massas.

Os marxistas-leninistas, no entanto, enxergam o futuro com otimismo. O refluxo não é fenômeno novo nem único. O próprio capitalismo percorreu um caminho cheio de ziguezagues para se impor ao feudalismo. A afirmação do socialismo será mais difícil do que a do capitalismo porque este e o feudalismo são ordens da mesma natureza, exploradora. Já o fim da exploração move resistências muitas vezes maiores. Onde se conclui que os acontecimentos do Leste são graves mas são um episódio e não o fim da história.

Surge, então a pergunta: como se apresenta a perspectiva da revolução nos dias de hoje? O recuo absolutamente não retira da ordem-do-dia pois as causas que levam a ela continuam em ação. A camisa-de-força das relações capitalistas de produção impede que se alcance a solução de problemas que afligem a humanidade como a poluição do meio ambiente e segue ampliando o abismo entre pobres e ricos, estes um pequeno e cada vez menor punhado e aqueles concentrados em número crescente no pólo oposto, o da marginalização social. É um fato que se levarmos em conta o montante de riqueza que há, hoje, no mundo, este abismo é cada vez maior. Aumentou o nível de exploração das massas. Que o digam os povos da América Latina, África, Ásia. A pobreza, o atraso, as dívidas estão na ordem-do-dia e o capitalismo não as consegue resolver.

O capitalismo nos países do Leste trará problemas para os seus povos. Inflação e desemprego passam a ser martírios para os trabalhadores que, além de tudo, ainda perderão vantagens alcançadas no tempo do socialismo como o ensino e a saúde gratuitos. Walesa, na Polônia, já anda pedindo calma aos trabalhadores que lavantam sua voz.

As condições objetivas para a revolução, portanto, existem e estão atuando. O fator objetivo passa ao primeiro plano. As confusões e o vazio deixado pela passagem dos partidos ex-socialistas para a senda do revisionismo não podem continuar existindo para sempre. A organização de uma vanguarda revolucionária, proletária, virá como resultado objetivo do curso da história. Quando? Não é possível responder.

Na atividade prática dos marxistas-leninistas há que levar em conta a situação de refluxo do movimento revolucionário, adotando táticas flexíveis, abordando problemas concretos, dos dias de hoje, para politizar as massas e lançá-las na luta revolucionária.



Baku, capital do Azerbaijão, após a "visita" das tropas soviéticas: o império russo balança e recorre aos tanques



CDM
Centro de Documentação e Memória
Fundação Maurício Cardoso

- (1) Enver Hoxha: "A classe operária deve lançar-se ao campo de batalha"
- (2) Enver Hoxha: "A classe..."
- (3) Enver Hoxha: "A classe..."

Soa o primeiro dobre de finados para a URSS

Com 124 votos a favor e seis abstenções, o Soviète Supremo da Lituânia proclamou dia 11 de março a independência do país, até então uma das repúblicas soviéticas. Mas o império não engoliu a decisão e reagiu de forma rude e arrogante. Ignorando a própria Constituição da URSS, que garante o direito à sucessão, Gorbachev, sem esconder a cólera, afirmou que não reconhece legitimidade no ato do parlamento lituano e o classifica como "provocação", "ilegal e nula".

O líder revisionista também enviou um recado ao Ocidente, exigindo que ninguém reconhecesse a Lituânia, pois tal atrevimento seria considerado uma ingerência nos assuntos internos do império. E evidentemente continua tratando a nação do Báltico como uma mera extensão dos interesses russos. "Até o esclarecimento de toda a situação no Soviète Supremo e no Conselho das Nacionalidades, assim como no governo, con-

tinuaremos agindo como agora", disse. E acrescentou: "Não se pode falar de negociações com a Lituânia, assim como a Estônia e a Letônia porque só negociamos com nações estrangeiras."

Harmonia

Os países imperialistas do Ocidente mostraram uma rara harmonia de interesses com a URSS. Baixaram a cabeça e, cinicamente (ah, esses, cavaleiros da democracia, tão zelosos na defesa de certos "princípios"), não moveram um dedo contra os domínios russos. Ninguém — nem o "liberal" Bus, nem o "socialista" Mitterrand, nem o cristão Kohl, nem a combalida dama inglesa, ninguém se atreveu a contrariar Gorbachev; nenhum reconhecimento ou sequer uma palavra amiga, reconfortante, aos rebeldes separatistas da Lituânia, que até o momento encontra-se isolada. Esses gestos, ou falta deles (esta mudez mór-

bida), revelam o caráter dos acordos de Malta sobre redistribuição e consolidação das regiões de influência das superpotências no globo.

Ao lado disto, o império russo tem recorrido a todo tipo de chantagens para dissuadir os lituanos. Gorbachev fala em cobrar uma pretensa dívida superior a 30 bilhões de dólares ao novo país, que com uma população de 3,5 milhões de pessoas já nasceria, assim, como a nação mais endividada do mundo — e certamente sem condições para pagar; Moscou não aceita rublos, quer moeda forte (de preferência dólar). Os rebeldes retrucam dizendo que a URSS deve reparações de pelo menos 500 bilhões de dólares à Lituânia. Mas evidentemente o poder de fogo do Kremlin é bem maior. E ali se cogita também de outras formas de pressão e sabotagem econômicas — inclusive o corte no fornecimento de petróleo.

E a glasnot?

Por enquanto, o governo soviético ainda não usou o argumento da força, o que não significa que tal opção esteja descartada. Gorbachev foi colocado em uma espécie de sinuca de bico: é por demais clara a contradição entre o desrespeito à soberania e autodeterminação dos povos e a retórica "democrática" e "liberal" da glasnot, porém também foi assim recentemente na Geórgia Azerbaijão e Tuzequistão, entre outros, onde tanques e tropas russas foram usadas para abafar pretensões nacionalistas. Até agora a hábil propaganda em torno da perestroika tem obtido certo sucesso na arte de obscurecer a diferença entre o discuro e a prática. Não obstante, tudo tem seu limite.

O fato é que uma Lituânia independente é o primeiro sobre de ti-

rados da chamada União das Repúblicas Socialistas Soviéticas. A lógica da transição ao capitalismo na URSS contempla, e tornou inevitável, esta forte tendência centrífuga que se manifesta nos últimos anos. O Báltico, por sinal, foi a região onde as leis do mercado e o liberalismo foram implantados de forma mais acelerada e consistente. Obviamente a desagregação da união não está nos planos de Moscou, causa séria dor de cabeça aos revisionistas e é mais uma ameaça ao império dos russos, que generosamente está abrindo mão do Leste europeu, ou pelo menor aceiteu espoliá-lo em condomínio com o imperialismo ocidental. Mas poderá ser contida? Até agora a resposta do governo soviético tem dois componentes: a força dos tanques e a chantagem política e econômica. O tempo dirá se isto é suficiente para segurar o profundo anseio de liberdade dos povos que hoje constituem a URSS.

Romênia: a "revolução" que não passou de um golpe

No Natal do ano passado, a opinião pública mundial foi levada à crença de que o ditador romeno Nicolau Ceaucescu foi apeado do poder por uma poderosa revolução popular apoiada pelo Exército, que tomou a forma de uma violenta guerra civil. E esta teve por saldo cerca de 80 mil mortos e 300 mil feridos. O tom dramático das informações transmitidas pelos meios de comunicação naqueles dias não dava muita margem a dúvidas. No entanto, hoje se sabe que a "revolução" foi apenas uma ardilosa campanha publicitária, inspirada pelo anticomunismo, e de fato não passou de um golpe militar.

Não se deve duvidar de que o governo de Ceaucescu já não contava com o apoio popular dos romenos, era digno do repúdio das massas, da opinião pública e dos democratas. Contra ele podem-se arrolar muitas acusações, todas graves: nepotismo, corrupção, arrogância, arbitrariedades contra o povo. Tampouco se deve esquecer que a Romênia foi pioneira na abertura econômica para o imperialismo ocidental, razão pela qual mereceu rasgados elogios dos propagandistas burgueses. E que ao decidir pagar a dívida externa a qualquer preço, com base em um acordo negociado com o FMI, Ceaucescu — ainda que se admita sua intenção de livrar o país dos débitos e preservar sua soberania — destruiu a economia e impingiu ao povo um empobrecimento cruel.

Tática nazista

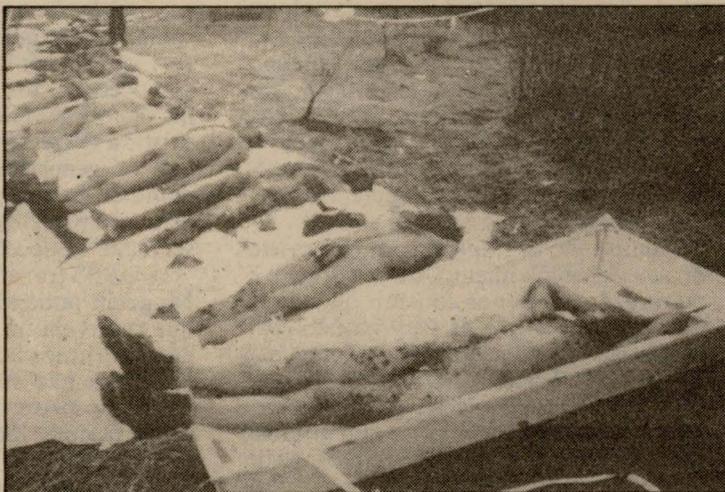
Não obstante, lastreados na indiscutível impopularidade de Ceaucescu, Gorbachev, seus amigos do Ocidente e seus comparsas na Romênia armaram sobre o regime moribundo um espetáculo indigno, de essência anticomunista e matices nazistas. Anticomunista porque espertamente trataram de identificar o regime de

Ceaucescu com o socialismo e assim procederam explorando a "ciência" desenvolvida por Hitler e Goebbels de propagandear versões fantasiosas e fazer passar por verdades mentiras torpes e descaradas.

Em uma ampla reportagem sobre aqueles episódios, o jornal belga "Solidaire" procurou desmascarar a farsa montada pela propaganda burguesa e revisionista. O órgão cita o depoimento de três médicos de Timisoara à cadeia de televisão alemã RTL-Plus sobre uma foto divulgada pelo novo governo romeno (depois reproduzida no mundo inteiro) como prova de um "massacre" contra civis patrocinado pela famosa Securitate, cujos agentes teriam arrancado alguns membros de suas vítimas.

De acordo com os profissionais, não se trata de vítimas dos sádicos da Securitate, mas de pacientes falecidos nos hospitais da cidade, que exibem os ventres costurados em consequência das autópsias realizadas pelos especialistas — nada a ver com "golpes de baionetas" ou "civis esfolados vivos", como foi fartamente divulgado.

O jornal revela, ainda, que o caso da "mulher grávida" de quem "tiraram o bebê vivo do ventre" não foi bem assim:



A aparência engana: não são vítimas da "sádica" Securitate

ela morreu em seguida a uma intoxicação alcoólica e a criança faleceu após uma doença. Em resumo: a carnificina de Timisoara, noticiada dezenas de vezes durante as festas de Natal, acompanhada de comentários sobre atrocidades, não foi outra coisa senão uma mise en scène, uma encenação macabra em estilo nazista. A cifra de 4.600 mortos também não correspondia à verdade: a lista oficial, divulgada posteriormente, dava conta de 90 vítimas em Timisoara, entre 17 a 27 de dezembro.

Da mesma forma, falou-se em 70 a 80 mil mortos, além de 300 mil feridos. Mas as cifras reais, segundo o ministro romeno da Saúde, dão conta de 500 mortos em Bucareste e 766 em todo o país, entre eles um grande número de partidários do regime deposto e membros da Securitate.

Sobre a própria Securitate, pintada como "uma espécie de esquadrão da morte como os que existem na América Latina", poderosamente armado e atirando cegamente sobre civis, Guy Sibom, jornalista do insuspeito "Nouvel Observau-

ter", depois de uma exaustiva pesquisa na Romênia, deu o seguinte testemunho: "Os agentes da Securitate não atiraram tanto. Eles não eram tão numerosos, nem tão armados, nem tão motivados... Isolados, sem armas pesadas, eles atiravam apenas de tempo em tempo. O Exército respondia com um marmoto de chumbo e de pólvora. As descargas infernais que escutamos na televisão provinham do Exército e não dos 'maus'."

Golpe reacionário

Naturalmente, a elucidação dos fatos não transforma Ceaucescu em herói, nem deve servir de pretexto para a absolvição dos erros e crimes que praticou contra o povo romeno, ainda que, juntamente com a mulher, ele próprio tenha sido vítima pessoal da farsa que foi seu julgamento pelos militares. Não se deve perder de vista que o regime se debilitou precisamente porque estava afastado das massas e engendrou um grande descontentamento entre os trabalhadores.

Mas o espetáculo montado

pelos golpistas, com o valioso apoio dos poderosos meios de comunicação monopolizados pela burguesia, é uma amostra do que é capaz o imperialismo. Ceaucescu não caiu apenas porque praticara uma política antipopular e levou a fome aos lares das famílias romenas para saldar débitos com a comunidade financeira mundial. Esses nunca foram motivos para golpes militares, pelo menos até hoje.

A sorte de Ceaucescu (hoje tido como um sanguinário drácula) já havia sido selada, mas por outros motivos: ele não mais interessava à União Soviética e se opunha à perestroika de Gorbachev; da mesma forma, nos últimos anos, mostrava-se hostil ao imperialismo ocidental, pretendia pagar a dívida, mas ao mesmo tempo proibira a contração de novos empréstimos e procurava restringir a atuação de multinacionais em seu país.

O regime foi derrubado numa operação de ingerência e subversão na qual convergiram os Estados Unidos, a Europa e a URSS, conforme frisa o jornal "Solidaire". A farsa foi montada tanto para justificar o golpe como para propiciar uma intervenção aberta das forças do Pacto de Varsóvia — hipótese apoiada, a priori, pela França, Estados Unidos e outros países, que, contudo, não se fez necessária. Seria uma intervenção "a favor da democracia", como a das tropas ianques no Panamá. O conteúdo do golpe foi, por tudo isto, reacionário. O governo militar que tomou o lugar de Ceaucescu não tem nada de progressista: serve fielmente a Moscou e promete uma abertura da economia aos interesses das multinacionais do Ocidente. É mais uma obra do imperialismo.

Os deputados brasileiros viram: “a Albânia constrói o socialismo”

Ao contrário do que a propaganda burguesa divulga, a Albânia não é um país atrasado. É o que asseguram, em entrevista ao jornalista Moacyr de Oliveira Filho, para a Classe, alguns dos parlamentares que retornaram recentemente de uma visita àquele país. Na próxima edição publicaremos uma reportagem mais detalhada com a opinião dos demais deputados que viajaram à Albânia.

A convite oficial da Assembleia Popular, uma delegação de parlamentares brasileiros visitou, durante uma semana, a República Popular Socialista da Albânia. Integrada pelos deputados Aldo Arantes e Eduardo Bonfim, do PCdoB; Florestan Fernandes, do PT; José Carlos Sabóia, do PSB e Oswaldo Lima Filho, do PMDB, a delegação brasileira esteve em Tirana, Durrës, Krüya, Berat e Girokasta, visitando complexos industriais, cooperativas agrícolas, a Academia de Ciências, a Universidade de Tirana, o Instituto Superior de Agricultura, diversos museus e mantendo contatos com autoridades do governo Albanês, inclusive com o Presidente Ramiz Alia.

O saldo da visita foi extremamente positivo, na opinião do deputado federal Aldo Arantes, vice-líder do PCdoB na Câmara Federal, e chefe da delegação oficial de parlamentares brasileiros. “A visita permitiu que os deputados brasileiros tivessem uma visão panorâmica da construção do socialismo na Albânia e contribuiu, acima de tudo, para comprovar que a idéia que a direita procura difundir, de que a Albânia é um país atrasado, com uma economia eminentemente agrícola e um mero produtor de cabras, é totalmente falsa. Encontramos uma nação livre, soberana e independente, com uma sólida economia industrial-agrária. Um país que produz navios, que é auto-suficiente na produção de petróleo, que produz tratores, motores, caminhões e ônibus, onde o povo tem um padrão de vida bastante elevado e com uma agricultura de altos índices de produtividade”, explica Aldo Arantes.

Crescimento econômico

Os índices da economia albanesa revelam esse crescimento econômico. Segundo dados oficiais que foram apresentados à delegação brasileira, o PIB albanês cresceu 14 vezes de 1950 a 1988 e a divisão entre o produto industrial e o agrícola demonstra o desenvolvimento industrial do país: em 1950, o produto industrial representava 19% do PIB, enquanto o agrícola representava 66%. Já em 1988 essa relação

praticamente se inverteu com o produto industrial representando 59% do PIB e o produto agrícola, apenas 25%.

Apesar da inversão dessa relação, a economia albanesa ainda enfrenta algumas dificuldades. “A principal dificuldade enfrentada pelos albaneses é a defasagem tecnológica. O desafio que se coloca hoje para os albaneses é obter um desenvolvimento industrial qualitativamente superior, o que implica a busca permanente do desenvolvimento tecnológico e o aumento da produtividade, através da introdução de estímulos à produção de bens de consumo”, revela Aldo Arantes. Já o deputado Eduardo Bonfim, do PCdoB de Alagoas, acrescenta: “Os albaneses lutam, hoje, para superar o envelhecimento físico e moral do seu desenvolvimento tecnológico, representado pelo desgaste dos equipamentos e maquinários e pela defasagem tecnológica.”

Para enfrentar esse desafio, no entanto, os albaneses não estão dispostos a abrir mão dos princípios socialistas. Ao contrário, a superação dessas

dificuldades será feita exatamente no aprimoramento da construção do socialismo em terras albanesas. Nesse sentido, algumas reformas estão sendo introduzidas no país com a intenção precisa de superar essas dificuldades e corrigir algumas distorções apresentadas na tarefa de construção do socialismo no país. A principal dessas mudanças é a introdução de mecanismos socialistas de estímulo à produção. “As empresas estatais lucrativas passam a operar de forma diferente. 50% do seu lucro fica de crédito para a empresa praticar reinvestimentos na produção e os outros 50% passam a ser distribuídos para os trabalhadores”, revela Aldo Arantes. Isso, no entanto, não representa nenhuma alteração no padrão salarial dos albaneses que oscila entre um patamar mínimo de 450 leks a um máximo de 1.200 leks.

“Dentro desses limites máximo e mínimo, os albaneses procuram estimular a produtividade com esse mecanismo de distribuição dos lucros”, analisa Aldo Arantes. Já Eduardo Bonfim informa que esse mecanismo, na visão dos albaneses, foi introduzido para combater uma visão igualitarista das diferenças salariais. “Eles chegaram à conclusão de que essa visão igualitarista não estava correta, na medida em que existem diferenças pessoais no desempenho e na aplicação de cada trabalhador. Assim, ao corrigir essa distor-

ção, os albaneses simplesmente estão levando à prática o preceito marxista de a cada um de acordo com as suas necessidades e de acordo com a sua capacidade.”

Bens de consumo

Dentro dessa linha de modernização econômica, os albaneses buscam incentivar a produção de bens de consumo. Para isso, modificam a estrutura de preços do país, garantindo o controle sobre os preços dos produtos essenciais e deixando que as leis de mercado regulem os preços dos produtos de consumo. “Isso quer dizer que o preço de um produto será maior se a sua oferta for menor. Com isso, os albaneses pretendem aumentar a produção de bens de consumo para melhorar o padrão de vida da população”, afirma Aldo Arantes.

Essas alterações econômicas são acompanhadas de mudanças políticas que visam aprimorar a construção do socialismo e aumentar o controle das massas nas decisões do governo e do Partido. “Essas alterações servem, acima de tudo, para ampliar os mecanismos de controle do povo sobre o governo e, dessa maneira, aprofundar a democracia socialista. Assim, todos os cargos passam a ser escolhidos através de eleição e não mais por nomeação, levando em conta principalmente a capacidade técnica dos candidatos e as reuniões do Partido passam

a ser públicas, abertas à participação das massas. Dessa maneira, os albaneses seguem confiantes no caminho de construção do socialismo, combatendo o burocratismo e ampliando cada vez mais o controle de todo o povo sobre os destinos do país”, argumenta Aldo Arantes.

Educação

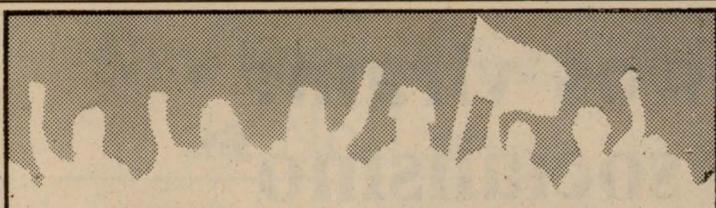
No terreno educacional, as conquistas dos albaneses também são invejáveis. Segundo Aldo Arantes, na Albânia não existem mais analfabetos, o ensino é obrigatório durante 8 anos, sendo que essa obrigatoriedade está sendo ampliada para 10 anos e 70% dos que concluem essa fase obrigatória ingressam nas escolas de 2º grau. As conquistas sociais também são grandes, com a licença-maternidade de 6 meses, uma jornada de trabalho de 6 horas e o trabalho das mulheres grávidas restrito a meio período da jornada normal.

Com um elevado padrão de vida, sem dívida externa, sem inflação, ampliando e diversificando seu parque industrial, modernizando a agricultura com elevados índices de produtividade, eletrificação rural e grande mecanização, os albaneses seguem felizes seu caminho socialista. “Encontramos um povo saudável e feliz que luta com muitas dificuldades para manter vivo o caminho do socialismo, com independência, liberdade e autonomia”, sintetiza Aldo Arantes.

Arquivo



Os parlamentares num encontro com Ramiz Alia (no centro, ao lado de Florestan Fernandes)



CONSCIÊNCIA SOCIALISTA

Sem medo de pintar o Brasil de vermelho

Rogério Lustosa*

Um leitor escreveu para a direção do PCdoB preocupado com a campanha para filiação de 500 mil pessoas. Ele considera que a campanha pode representar "uma inversão do princípio leninista de dar prioridade à qualidade dos militantes em relação à quantidade".

Um único caminho?

É inteiramente justo zelar pela integridade ideológica do Partido. Isto não pode ser feito a contento adotando uma posição esquemática. Como, por exemplo, esquecendo que quantidade e qualidade são dois aspectos inseparáveis da realidade. Um não pode existir sem o outro. O partido precisa manter a sua qualidade revolucionária. Mas sem uma quantidade adequada de membros, não pode interferir no curso dos acontecimentos, é arrastado pela maré.

Não existe prioridade "por princípio" à qualidade. A política de organização visa sempre fortalecer as convicções proletárias dos militantes. Em determinados momentos, entretanto, a questão chave para fazer o Partido avançar, é aumentar a quantidade de membros.

Os comunistas procuram a melhor forma de construir o Partido. Mas, se confundem um segmento de curva com uma reta, esquecem a riqueza da vida e aferram-se a apenas uma forma de trabalho, transformam em princípios orientações que a prática modifica permanentemente, caem no doutrinário e não conseguem cumprir a tarefa a que se propuseram.

Primeiro gesto

O camarada que nos escreveu reconhece que a influência do Partido está "muito aquém das exigências do momento". E que é necessário adotar "medidas práticas" para aumentar o número de

militantes. "Não necessariamente de filiados", acrescenta ele.

Por que separar mecanicamente a filiação do aumento do número de militantes? Como "medida prática", a filiação significa, na situação atual, o primeiro gesto de adesão ao Partido, que precisa ter continuidade na atividade cotidiana para incorporar as pessoas na vida partidária. Realizar este processo é exatamente combinar, no real, qualidade e quantidade. É realizar, praticamente, o princípio leninista de que todo militante deve atuar numa organização concreta.

Existem milhares de homens e mulheres com imenso potencial em todos os terrenos da atividade política, cultural, científica. O que se impõe no momento é abrir as portas do Partido a esta gente. E, com muita audácia revolucionária, ajudar a desbrochar esta capacidade até então sufocada pelo regime embrutecedor do capital.

Reforçar o vermelho

O camarada, com a tendência de absolutizar as coisas, acha que a campanha pode se transformar numa atividade pragmática de filiar "a qualquer custo". Mas este receio vale para tudo. Por exemplo, com a preocupação de revolucionarizar "a qualquer custo", já houve muito prejuízo inclusive em nosso Partido, em outras situações, afastando sectariamente grandes contingentes de trabalhadores. Sempre que uma diretriz for interpretada dogmaticamente, que a dialética for substituída pela unilateralidade, os desacertos serão inevitáveis.

Na campanha pelos 100 mil, às vésperas do Congresso, surgiu também o temor de que o Partido perderia sua cor. Pelo contrário, diante da furiosa onda internacional anticomunista, é preciso muita gente para reforçar o vermelho de nossa bandeira.

*Da direção nacional do PCdoB

Organizar as bases do Partido

Arthur de Paula*

O partido comunista, para desempenhar seu papel, precisa construir grandes e ativas organizações de base, nas fábricas e empresas, nas escolas e universidades, entre camponeses e assalariados rurais, nos bairros e transformá-las em efetivas direções vivas das massas.

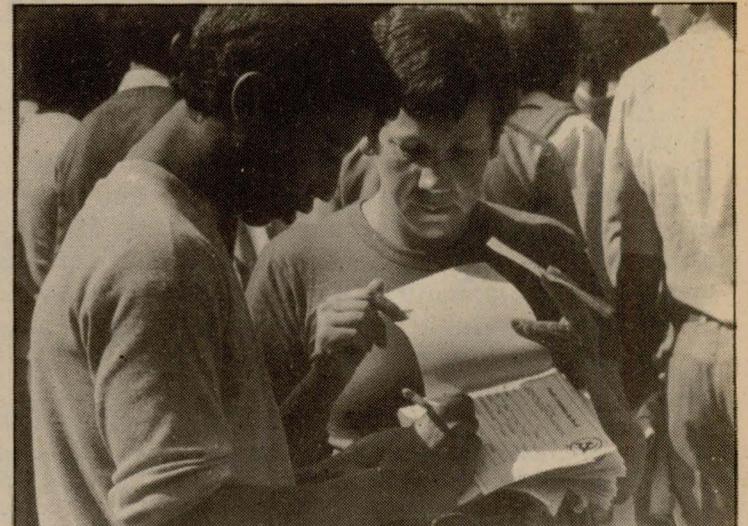
As organizações de base do PCdoB precisam se organizar e atuar por dentro do movimento de massas, no centro da luta de classes, fazer um trabalho planejado, dirigido, para o permanente crescimento do Partido, inserindo-se na vida e nas lutas das massas. Só assim o Partido conseguirá influir decisivamente nas campanhas, eleições sindicais e de entidades populares, greves e outras formas de luta, além de aumentar a venda e distribuição dos materiais do Partido como **A Classe Operária**, a revista **Princípios**, entre outros.

Quanto maior for o número de militantes e de organizações de base, mais o PCdoB poderá cumprir sua missão histórica de vanguarda, aumentará sua influência política e ideológica junto às massas e conseguirá transformar seu programa em programa das massas exploradas e oprimidas. O trabalho político feito de fora para dentro, a partir das portas de empresas deve ser um trabalho auxiliar, de apoio. O fundamental e insubstituível é a ação concreta, no dia-a-dia da organização de base.

Durante a execução dos planos de construção partidária, recrutam-se e filiam-se centenas, milhares de novos membros para o Partido. Contudo, não há suficiente êxito na incorporação deles às organizações de base. Isto reflete em certa medida a fraca vida política das mesmas e acaba por entrar o crescimento do Partido, impede que ele cumpra a contento seu papel de dirigente político das massas operárias e populares. Precisamos, portanto, acabar com a subestimação política do verdadeiro papel das organizações de base. Se o PCdoB não tiver uma vasta rede de células, funcionando regularmente nos locais de trabalho, estudo, moradia, fazendo fluir suas idéias, propostas e materiais, devidamente integradas com as massas, não conseguirá dirigi-las nem ganhá-las para sua área de influência, por mais justa e correta que seja sua política. Quanto maior for a organização de base e sua ação política concreta, maior será o trabalho e a força do Partido, melhores serão as condições de colher vitórias na luta do povo brasileiro.

Centros dirigentes

É a organização de base que liga diretamente o Partido



É preciso intensificar a militância junto às massas

às massas. Sua atuação permanente eleva o nível de consciência política e ideológica tanto das massas quanto dos militantes. Se quisermos pôr as massas em ação política, na defesa do socialismo científico e de outras bandeiras, se quisermos levar as massas a combater o capitalismo, o latifúndio, o imperialismo, conquistar direções de entidades e mandatos parlamentares e forjar a unidade do povo, é preciso constituir mais e mais organizações de base, ajudá-las a funcionar regularmente e fazer com que se tornem verdadeiros centros políticos dirigentes das massas.

Nosso partido possui uma rede razoável de organizações de base, espalhadas pelo país. Existem até algumas grandes, em grandes empresas. Porém em número insuficiente, sem crescimento permanente, com pouca formação e dificuldades na incorporação dos novos membros do Partido. As organizações de base merecem atenção e cuidados especiais por parte das direções regionais, distritais e municipais. A estrutura organizativa do Partido é leninista, vertical e assim é que deve e precisa funcionar. As secretarias de organização e suas comissões precisam estar permanentemente atentas, listar freqüentemente os militantes e filiados que se encontram desorganizados, fornecer elementos a cada organização de base e controlar seu número para que sejam encontrados e trazidos para a estrutura partidária. Fazer reuniões públicas da organização de base é uma das formas de habituar o novo militante à vida partidária e ao mesmo tempo as massas com o Partido. É preciso também realizar cursos, palestras, debates sobre temas de interesse dos militantes e das massas assim como sobre o Partido, sua história, seu programa, sua ação política.

Outro aspecto importante é a regularidade das reuniões das organizações de base. As

direções devem se empenhar, ter preocupação prática a este respeito. São muitas as organizações de base que não conseguem se reunir e ter uma vida proveitosa. O PCdoB conquistou a sua legalidade a duras penas e este é um direito democrático dos comunistas e do povo. Precisamos, portanto, fazer com que as massas, na medida do possível, tenham participação nas reuniões das organizações de base, destacadamente quando a reunião discutir a sua participação mais direta na luta.

Reunir em casa de camaradas, nos locais próximos ao trabalho, nas escolas, universidades, no campo, nas sedes de distritais, municipais e regionais, em locais que facilitem a vida dos militantes. Fazer reuniões vivas, bem preparadas, que não se alonguem desnecessariamente nem sejam cansativas.

O marxismo-leninismo nos ensina e nosso Partido reafirma que a revolução é obra de milhões, das massas sob direção do Partido. E dirigir não é impor, mandar, é convencer. Para isso o militante comunista e sua organização de base não podem atuar distanciados ou desligados das massas. As propostas e tarefas do Partido devem refletir os interesses e aspirações das massas. A organização de base, portanto, só conseguirá cumprir seu papel de dirigente se estiver em sintonia com as massas, se conhecer a realidade do local em que estiver organizada, se vencer da justeza da política do Partido. Precisamos fazer esforços para que o Partido cresça em todas as frentes, destacadamente na classe operária, entre assalariados rurais e camponeses, nas escolas, universidades e bairros. Aumentar cada vez mais a quantidade de organizações de base e dentro destas o número de militantes, elevar seu nível teórico e ideológico para poder fazer frente aos ataques dos inimigos de classe e fazer avançar a luta por transformação dos objetivos do Partido em realidade.

*Da direção nacional do PCdoB

O Partido e as entidades de massas

Dynéas Aguiar*

Nos artigos anteriores abordamos a questão da relação direta Partido-Massa. A partir deste artigo trataremos da relação Partido-entidades de massas. A correta compreensão desta relação constitui hoje um problema-chave para o crescimento e consolidação do Partido.

A compreensão que temos de que são as massas que fazem a história e de que serão elas as reais construtoras da nova sociedade, deve materializar-se com consequência na forma como participamos na vida associativa das amplas massas. Isto é, como nos comportamos junto a elas ao atuarmos nas entidades não-partidárias.

Organizações distintas

A primeira questão a abordar é a conceituação de Partido e de entidades de massas. Estabelecidas como precisão as diferenças poderemos compreender mais corretamente as formas da relação do Partido e a atuação dos comunistas nas entidades de massas.

A concepção leninista de Partido define-o este como a forma superior de organização do proletariado e das massas trabalhadoras e populares. Esta formulação evidencia as diferenças básicas que existem entre o Partido político e as demais formas de organização das massas.

O Partido tem como objetivo a conquista do Poder político, a formação do Estado proletário e a construção do socialismo e do comunismo. As entidades de massas são organizadas para lutarem por conquistas em áreas específicas: trabalhistas, sociais, econômicas, ambientais, culturais, esportivas etc.

Essa diferença qualitativa dos objetivos do Partido e das entidades de massas não os coloca em campos opostos ou antagônicos. Seus fins definem os meios e processos de organização e de atuação que são completamente e hierarquicamente diferenciados.

A luta política que os comunistas travam contra as classes dominantes estende-se a todos os campos do conhecimento e organização da sociedade. Essa ação abarca a frente parlamentar, a ideológica, a econômica e a social. Cada qual tem suas leis próprias, meios e fins claros e precisos.

As atividades das entidades de massas, igualmente, são regidas por normas que variam de acordo com os objetivos para as quais foram formadas e, principalmente, pelo grau de conscientização das massas que congregam e representam.



Os comunistas participam ativamente das entidades de massas defendendo sua democracia interna

A forma como se organiza e atua um sindicato, uma entidade estudantil, uma entidade de moradores, bem como as que congregam as mulheres, os jovens, ou ainda as de caráter

cultural, artístico ou esportivo em traços comuns no que respeita à sua democracia interna.

Dessa maneira a primeira questão que devemos ter pre-

sente ao atuarmos no Partido e nas entidades de massas é quanto à sua forma de organização e funcionamento.

Não podemos confundir os princípios e normas de funcio-

A Classe vai vestir roupa nova

No ano em que comemora seu 65º aniversário, *A Classe Operária* (fundada em 1º de maio de 1925) estará implantando nos próximos números um novo projeto gráfico e promovendo adaptações editoriais. Reforçando seu caráter de órgão central do Partido Comunista do Brasil, o projeto tem o objetivo de tornar o jornal mais moderno, leve e amplo, atingindo, além das fileiras comunistas, um público maior nas áreas democráticas e populares.

O novo projeto editorial e gráfico da *Classe* resulta de estudos realizados pela equipe de redação e de inúmeras críticas e sugestões, especializadas ou não, de leitores, amigos, colaboradores voluntários e correspondentes.

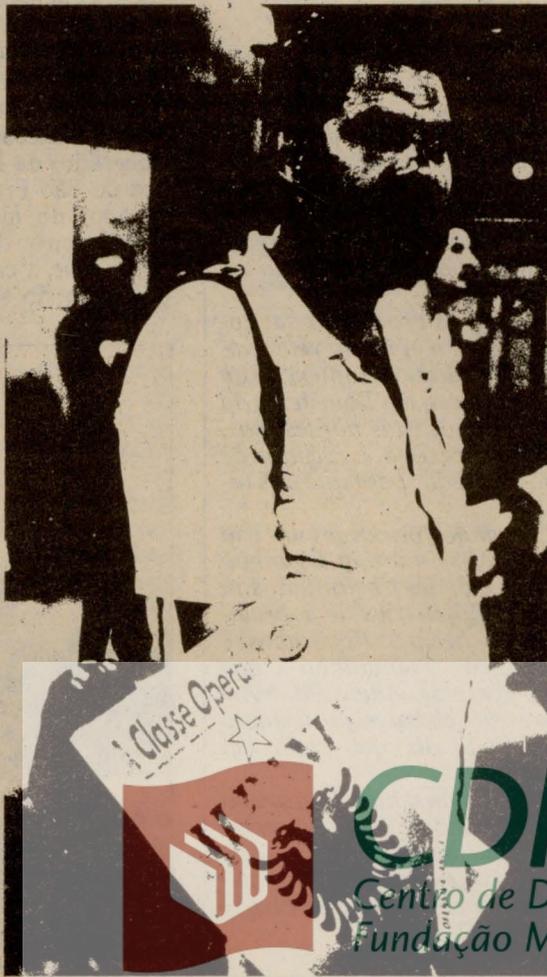
A redação da *Classe* levou em conta critérios políticos e da técnica jornalística. Parte do princípio de que, nas condições em que o proletariado e os povos desenvolvem atualmente a luta por sua emancipação nacional e social, impõe-se a necessidade de mobilizar na ação revolucionária grandes contingentes de massas e unir amplas forças. Mormente hoje, quando é aparatosa e intensa a campanha anticomunista promovida pela burguesia mundial, as forças sociais transformadoras carecem de esclarecimento, o que só será obtido através da propaganda apaixonada, feita à base da compreensão da realidade e da polêmica com as idéias burguesas e revisionistas.

Quanto aos critérios jornalísticos, entendemos que as conquistas contemporâneas da humanidade no terreno da propaganda criaram exigências estéticas novas. Os meios de comunicação que a elas não correspondem caem na rotina e tendem a estagnar e retroceder. Por isso, a *Classe* lutará para em cada edição sua fornecer ao leitor informações concisas e variadas, análises que reflitam a multilateralidade dos fenômenos e opiniões lúcidas e firmes, apresentadas com bom-gosto e beleza. O projeto gráfico foi elaborado pelo publicitário Carlinio F. Teixeira, que há muito colabora com a *Classe* na Bahia.

Não é fácil para a imprensa proletária dar este salto. Muitas vezes chega a ser asfíxiante a

penúria em recursos humanos e materiais. Seguramente, a implantação e a sobrevivência de um novo projeto imporão também a necessidade de se adotarem novos métodos de circulação, venda e sustentação financeira do jornal. São desafios que instigam o espírito empreendedor e inovador de todos os que têm na *Classe* uma arma na luta pelo triunfo das idéias progressistas.

Paulo Torraca/Fóton



namento que são particulares no Partido e os que regem as entidades de massas.

Democracia de massas

Enquanto no Partido o princípio básico da sua organização é o centralismo-democrático, nas entidades de massas é o da democracia das massas. O Partido pertence a uma única classe — o proletariado. As entidades de massas congregam e defendem os interesses, na maioria dos casos, de pessoas pertencentes a mais de uma ou várias classes e setores da população.

Existem entidades que congregam pessoas que, do ponto de vista de classe, têm interesses opostos, mas que são coincidentes quanto aos objetivos específicos como por exemplo: certas entidades de mulheres têm como associados empregadas e patroas; entidades de bairro que têm como associados ou mesmo diretores trabalhadores, pequenos comerciantes ou industriais; associações culturais de que participam proletários, pequenos-burgueses e até burgueses.

Nestas entidades não se pode pensar em centralismo-democrático. As decisões tomadas pela maioria são válidas para todos, mas não obrigam os divergentes a cumprirem rigorosamente o que foi decidido. Existem e coexistem várias tendências políticas, ideológicas, religiosas, etc.

A democracia interna pressupõe esse pluralismo e determina que o mesmo seja respeitado.

Tentar transformar — na sociedade de classes — as entidades de massas em **entidades puras** quanto às idéias e concepções políticas ou ideológicas é um erro que leva ao estreitamento de sua base social, ao seu isolamento e enfraquecimento.

É evidente que essa composição pluralista ou poli-classista das entidades não significa que possa prevalecer o apoliticismo ou a indiferença frente às reivindicações das massas populares, oprimidas e exploradas.

Os comunistas, ao atuarem nas entidades de massas levam em conta essa particularidade das mesmas e conduzem sua atividade no sentido de que a ação das entidades corresponda aos seus objetivos estatutários de forma avançada, progressista e ampla. Nesse sentido procuram aglutinar as pessoas mais democráticas e progressistas para influir na orientação da entidade e dessa maneira dar-lhe vigor e dinamismo. Por isso os comunistas nunca podem se constituir em um grupo à parte isolado, estreito e sectário.

*da direção nacional do PCdoB

Estão matando o "Velho Chico"

Miguel Lucena*

O Rio São Francisco está agonizando e ficará apenas nos versos dos poetas se, imediatamente, não cessar a poluição dos seus afluentes pelas siderúrgicas e mineradoras e o desmatamento de suas margens, consequência da atividade madeireira e de carvoaria.

O "Velho Chico" — assim chamado carinhosamente pelas populações ribeirinhas — é essencial para a vida dos nordestinos. Conhecido como o "rio da integração nacional", ele se estende com suas águas turvas e barrentas por 640 mil quilômetros de área e compreende 422 municípios de cinco Estados — Minas Gerais, Bahia, Sergipe, Alagoas e Pernambuco. Beneficia diretamente 14 milhões de pessoas e, indiretamente, mais de 40 milhões.

Uma comitiva de 26 pessoas — entre políticos, técnicos e jornalistas — viajou durante nove dias pelas águas do São Francisco a bordo do navio-vapor Benjamin Guimarães, de Pirapora (Norte de Minas) a Xique-Xique (Sertão da Bahia), e viu de perto o retrato cruel da destruição desse rico manancial. Cruzou com a miséria de uma comunidade que tinha tudo para viver na fartura e, contraditoriamente, está fadada a morrer com a última gota d'água do Velho Chico.

Correio da Bahia



O desejo é que as águas corram "lentas e peregrinas"

A viagem começou no dia 4 de fevereiro e terminou no dia 13, em Xique-Xique. O grupo lançou o movimento "SOS São Francisco", com o objetivo de conscientizar a população para o problema e buscar as soluções através das mobilizações e da cobrança de providências enérgicas junto ao governo. A primeira medida será a entrega ao presidente Fernando Collor de Mello de um documento contendo as reivindicações das populações ribeirinhas e exigindo, entre outras coisas, que o uso das águas seja feito de forma equânime, visando à exploração racional dos recursos hídricos, pedológicos, climatológicos, florestais e minerais da macroárea.

A comitiva constatou que a introdução da pastagem artificial em áreas que tinham cobertura florestal e a utilização exagerada de energia — comprometendo a distribuição igualitária das águas e dos perímetros irrigados — aprofundam o caos no São Francisco. Há um descompasso muito grande na distribuição dos recursos hídricos na bacia do rio. As hidrelétricas se sobrepõem às demais atividades, como a agricultura de subsistência e o abastecimento doméstico, hoje já ameaçado.

O presidente do Ceivasf (Comitê Executivo de Estudos Integrados da Bacia Hidrográfica do São Francisco) e coordenador do movimento, José Theodomiro de Araújo, garantiu que a capacidade energética do rio se esgota com a

construção da usina hidrelétrica de Xingó. Funcionam atualmente as usinas de Sobradinho, Três Marias, Itaparica, Moxotó e Paulo Afonso. E há projetos de construção de usinas menores, como as de São Romão, Bananeiras, Paratinga, Ibó e Pão de Açúcar.

Esse rio, de lendas e mitos, cantado e decantado de Castro Alves a Luiz Gonzaga, terá sua morte decretada definitivamente se o desmatamento não for contido e o ferro-gusa das siderúrgicas se espalhar por todo o seu leito a partir dos afluentes — como o Paraopeba e Rio das Velhas, poluídos pela Manesmann, Belgo-Mineira e Volta Redonda, indústrias instaladas em Minas e Rio de Janeiro no período pós-II Guerra Mundial.

O movimento propõe ao governo federal a regularização fluvial do rio. Isso só será possível com a construção de barragens nos afluentes para acumular água despoluída e abastecer o São Francisco durante os períodos de estiagem.

A pergunta comum, diante da possibilidade iminente de esgotamento energético do rio, diz respeito à construção de usinas nucleares. A nação deve ficar atenta para esse aspecto. Embora o "SOS São Francisco" evite comentários sobre o assunto, há na comitiva quem defenda, "in off" a instalação desse tipo de usina como forma de solucionar o problema.

Capacidade

O Velho Chico nasce na Serra da Canastra, Oeste de Minas, e repousa entre os Estados de Alagoas e Sergipe. De lá, como diz Luiz Gonzaga, "vai bater no meio do mar".

Nos períodos de cheias normais, o São Francisco trabalha com seis a oito mil metros cúbicos por segundo; no período de vazante, com 550 a 1.500 m³. As maiores enchentes registradas foram cíclicas de 30 anos — 1919, 1949 e 1979.

Em 1949, o rio atingiu 13 mil metros cúbicos por segundo. Em 79, chegou a 18 mil. A maior vazante (seca) aconteceu em 1955: 534m³.

O São Francisco cruza todo o semi-árido sem receber qualquer afluente permanente. Aqui, todos os rios são temporários — Pajeú, Garças, Moxotó e Brígida. Na margem direita do Velho Chico, no Estado da Bahia (de frente para Pernambuco), também não há rios permanentes. Mesmo os permanentes são considerados riachos, como o Barra Grande (próximo a Curaçá) e o Várzea da Ema (Chorrochó). Diante de tudo isso, não se sabe mais, como disse o poeta Máximo Gorky com o Volga, se suas águas correm "silenciosa, soene e lentamente, conscientes de seu inevitável poder". Mas o desejo é de que elas corram "lentas, peregrinas", como poetiza Castro Alves.

* Jornalista, colaborador da Classe na Bahia

Xando Pereira

"Vem o rio te engolir"

O cantor e compositor Sá, da dupla Sá e Guarabira, integrou a comitiva do "SOS São Francisco" e, depois da viagem, começou a fazer contatos com vários artistas brasileiros para propor a gravação de um disco — com músicas inéditas e conhecidas que entoam versos ao "Velho Chico" — e a realização de shows por todo o país, cuja renda será revertida em prol da luta contra a destruição do rio.

Sá e Guarabira vivem há muitos anos os problemas das comunidades ribeirinhas e se encantam com o apito do velho vapor rasgando as águas da nascente à foz do rio. A intenção da dupla (Guarabira nasceu em Barra e cresceu em Bom Jesus da Lapa, Sertão da Bahia) é contatar com artistas nordestinos, principalmente os que têm trabalhos sobre o rio, a exemplo de Caetano Veloso, Fagner e Geraldo Azevedo, para que eles toquem o projeto.

Eles cantam juntos desde 1972, quando formavam um trio com Zé Rodrix. Em 1974, o trio desfez-se e a dupla ganhou mundo. E quase todo ano visitava as cidades ribeirinhas. Em 78, o governo começou a construir a hidrelétrica de Sobradinho, quase em segredo (encalha, como dizem os ribeirinhos) e os dois protestaram através da música "Sobradinho", que diz: "Adeus Remanso, Casa Nova, Sento Sé/Adeus Pilão Arcado, vem o rio te engolir/O homem chega e já desfaz a natureza/Tira a gente por represa/E diz que tudo vai mudar".

Na opinião de Sá, a crítica que eles fazem à hidrelétrica não constitui uma posição contra o governo. "Mas é preciso equalizar esse binômio: progresso e qualidade de vida", assinala. O cantor também entende que a atividade dos garimpeiros e das mineradoras deveria ser proibida. "Um garimpo pode acabar com o rio em pouco tempo."



A vegetação escasseia e as terras ribeirinhas sofrem erosão



CDM

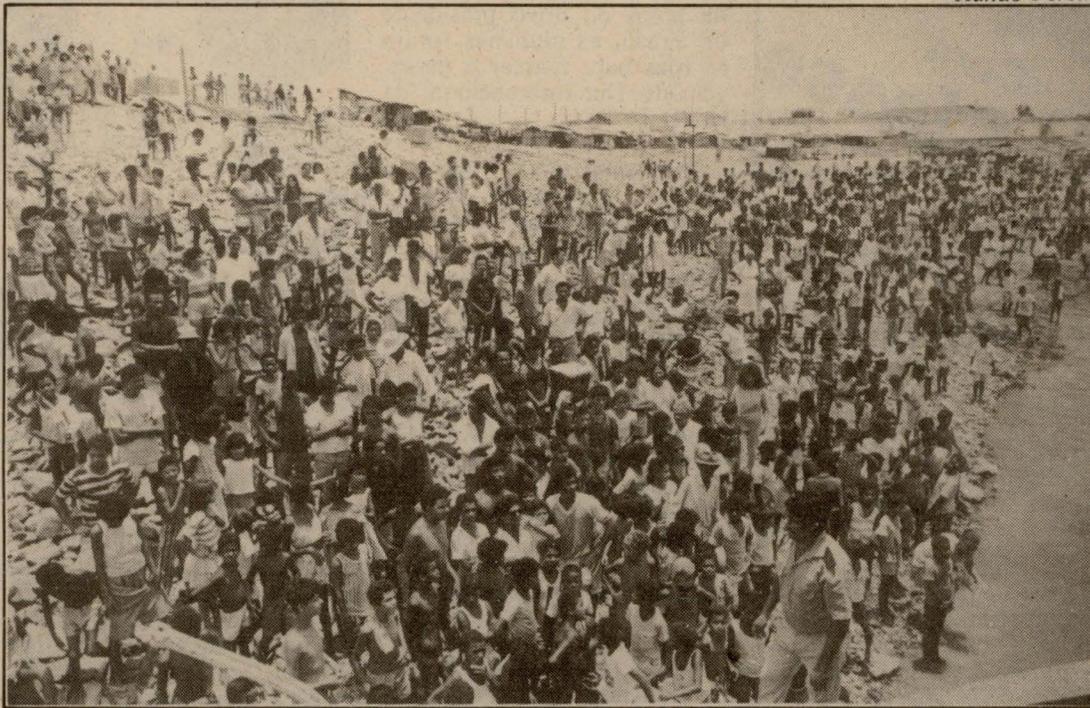
Centro de Documentação e Memória
Fundação Maurício Grabois

A perda da identidade cultural

Xando Pereira

As populações ribeirinhas, além de extremamente pobres, vivem outro drama: num processo acelerado, vêm perdendo sua identidade cultural, trocando lendas e mitos e até suas danças folclóricas e festas. Isso acontece em consequência da presença, na região, de grupos de economia mais forte, a exemplo de quatro mil famílias de gaúchos e paranaenses que se instalaram em Barreiras, Correntina e São Desidério, na Bahia, introduzindo danças gauchescas e costumes alimentares do Sul, sem contar com o Papai Noel que agora é aguardado pelas crianças para trazer presentes na véspera do Natal.

Exercem também influência na região e contribuem para a mudança de hábito dos ribeirinhos as famílias oriundas do agreste pernambucano, que emigraram para o Vale do Rio Corrente (Santana e Santa Maria da Vitória) e Vale do Rio Grande (Barra, Cotegipe, Wanderley, Muquém do São Francisco e Formosa do Rio Preto). Elas introduziram, entre outras coisas, a vaquejada,



O povo esperando o vapor às margens do rio São Francisco

que antes ninguém de lá sabia do que se tratava. A vaquejada é o esporte do vaqueiro que, montado em um cavalo, persegue uma vaca ou um boi

até derrubá-los, numa pista própria para isso. É uma 'brincadeira' das mais violentas.

Não é de se estranhar a perda da identidade cultural, coisa difícil de ser imposta por quem, no dia-a-dia, mal con-

segue sobreviver. Até o peixe, alimento natural das águas, a poluição levou. As famílias trabalham de aluguel nas fazendas e cresce a mendicância nas cidades.

Mesmo assim, as lendas e os mitos ainda criam fantasias e

amedrontam os barranqueiros. Fala-se no "Romãozinho" — o diabinho das barrancas que vive a levantar as saias das moças, no "Minhocão" — que provoca o naufrágio de embarcações quando se irrita com a devastação do rio — e no "Nego D'água" — que prega susto nas pessoas rio abaixo.

Um símbolo marcante dos barranqueiros é a carranca. Conforme a crença, ela serve para afastar os maus espíritos. Inicialmente utilizada nas embarcações para evitar naufrágios e propiciar boas pescarias, a carranca se espalhou pelo Nordeste e, depois, por todo o país. Mas só não conseguiu afugentar os males advindos da ação predatória dos grupos econômicos poderosos, mais preocupados com o mercantilismo do que com a preservação do Rio São Francisco.

Os barranqueiros, porém, resistindo ao som de rocks e lambadas, dançam o samba de umbigada, a contradança (espécie de sapateado) e o bumba-meu-boi. Fazem festa de comadre e compadre ao redor das fogueiras e curtem o "casamento matuto".

Histórias de marinheiro

Pelo rio assoreado, a comitiva do "SOS São Francisco" percorreu, a bordo do vapor Benjamin Guimarães, exatos 1.011 quilômetros, de Pirapora a Xique-Xique. O percurso completo, até Juazeiro da Bahia, daria 1.237 quilômetros, o que não foi possível cumprir porque a eclusa (sistema de comportas da Barragem de Sobradinho) estava fechada para manutenção.

Fazia quatro anos que o vapor não passava pelas cidades ribeirinhas da Bahia, a partir de Malhada e Carinhanha. Ele também faz parte das lendas dessa população, por muito tempo sonha com um certo "vapor encantado" que vem trazer sorte aos pescadores.

Por onde passa, o vapor atrai multidões. Sá e Guarabira compuseram até uma música com a atração dessa embarcação. "É o vapor/ É o vapor/ É o vapor/ Todo mundo corre/ Pro apito do vapor."

Navio-Gaiola, a vapor, funciona a lenha e é conduzido por 27 tripulantes — marinheiros, taifeiros, foguistas, motoristas, uma camareira, duas cozinheiras e, logicamente, o comandante. Eles embarcam e não têm data para voltar às suas casas. Até o contracheque deles, que ganham em média

NCz\$ 3.084,00, é entregue às famílias, que recebem o dinheiro na sede da Companhia de Navegação do São Francisco — Frenave —, em Pirapora.

Há uma máxima segundo a qual o marinheiro tem um filho em cada porto. A observação parece reforçada com a história do senhor Pergentino Alves dos Santos, 56, casado, sete filhos, com 40 anos de navegação. Ele disse que passou três anos sem ver sua mulher. No último dia 10, fez um ano que Pergentino embarcou no "Benjamin", a exemplo dos demais companheiros, mas agora o regime de trabalho é diferente: pode passar uma vez por mês em casa.

Pergentino tem muitas coisas para contar. E uma das mais curiosas é a revolta do "Minhocão", que, segundo ele, "provocou o naufrágio de vários vapores a lenha". O certo é que naufragaram no São Francisco os vapores Antonio Muniz (1941), Júlio Victor (1943) e arderam em chamas o Fernão Dias (1967), Fernandes da Cunha (1971), São Francisco (em 1º de janeiro de 1984, atracado no Porto de Pirapora) e o Djalma Dutra (em 1943), reformado recentemente.

Recordes de miséria

Uma das mais fortes evidências da miséria que assola as populações ribeirinhas são as endemias. A desnutrição no Vale do São Francisco atinge índices elevados. As águas estão contaminadas pelos detritos das cidades próximas às margens do rio e as casas, embora tenham água encanada, não dispõem de esgotamento sanitário.

As endemias são comuns e os problemas se acumulam. Em março de 1984, por exemplo, cerca de 300 toneladas de peixes foram mortos em consequência da ação criminosa da indústria Agrovale, que despejou no Rio Tourão — afluente do São Francisco — milhares de litros de vinhoto. A punição foi de apenas uma

multa e suspensão da produção por 30 dias. Foi, na verdade, uma espécie de tapeação, denunciada firmemente pelo Partido Comunista do Brasil e outras forças progressistas da Bahia.

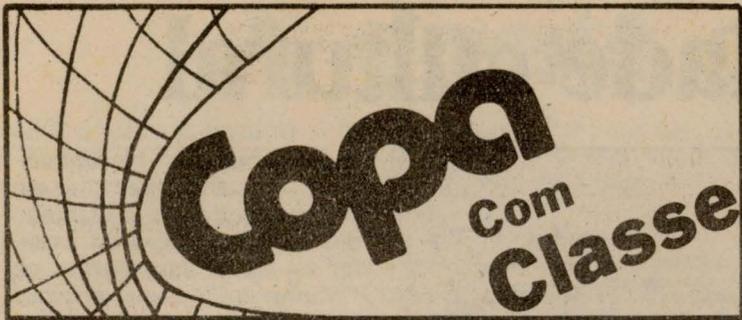
As populações ribeirinhas são extremamente pobres — 70% são analfabetos, há uma grande leva de desempregados e, dos que possuem emprego, 51% ganham apenas 1/4 do salário mínimo. De cada mil crianças que nascem, 90 morrem antes de completar um ano.

Parece o Brasil batendo todos os recordes de miséria e concorrendo com a Etiópia e Bangladesh.

Correio da Bahia



O desmatamento do rio é resultado da atividade madeireira e de carvoaria



A arquibancada quer um esquema ofensivo

Claudio Vladimir

Não quero ser pessimista, não. Mas as recentes declarações de Sebastião Lazaroni, o comandante-em-chefe das tropas de ocupação da Itália, são efetivamente preocupantes. Quanto mais se aproxima a data da convocação dos 22 jogadores eleitos para lutar pela conquista do tetracampeonato mundial de futebol, fica mais clara a intenção do treinador mineiro-carioca de montar uma equipe baseada exclusivamente na força e no defensismo, apostando apenas na arte e no talento dos únicos três atacantes natos que ele pretende levar para a Itália: Bebeto, Careca e Romário. Considerando que a recuperação de Romário da fratura que sofreu na Holanda ainda é uma incógnita, a situação não deixa de ser preocupante, pelo menos para aqueles que defendem o futebol-arte acima de tudo.

Na semana passada, Lazaroni deu uma entrevista exclusiva à revista "Placar" onde praticamente antecipa a sua relação de convocados e define o esquema tático que espera utilizar para ganhar a Copa. O treinador deixa claro que 19 jogadores dos 22 que serão inscritos para a Copa já estão definidos. São eles: Taffarel, Zé Carlos e Acácio, goleiros; Mauro Galvão, Mozer, Ricardo Gomes e Aldair, zagueiros; Branco, Jorginho e Mazinho, laterais que a "modernidade" de Lazaroni prefere chamar de "alas"; Dunga, Alemão, Silas, Valdo e Bismarck, meias, e Romário, Careca, Bebeto e Muller, atacantes. Restariam três vagas que, segundo as declarações de Lazaroni, poderão caber a um outro ala e a dois meias. Nesse caso, os escolhidos para elas poderiam ser André Cruz, Tita e Geovani. Ou ainda a convocação de João Paulo, ex-Guarani; hoje jogando na Itália, que seria transformado de ponta-esquerda em "ala". Aliás, essa parece ser a posição milagrosa de Lazaroni. Até mesmo Valdo ele quer

ver jogando de ala o que, na verdade, não passa mesmo de um lateral que defende, arma e apóia.

Se, de um lado, essa relação insinuada por Lazaroni não apresenta grandes novidades, de outro, revela uma profunda intransigência do treinador da seleção brasileira. Ele selecionou seu grupo com bastante antecedência e pronto. Não tem olhos para mais nada ou ninguém. De nada adianta os campeonatos estaduais em andamento apresentarem um grande talento em ascensão que Lazaroni nem se toca. De nada adianta o futebol de encher os olhos que o garoto Neto está jogando no Campeonato Paulista ou a explosão de Mirandinha, um centro-avante nato que sabe fazer o que se espera dele: gols. Nenhum dos dois, ao que consta, está relacionado sequer na remota, longínqua e burocrática lista dos 40.

Nomes à parte, a filosofia de jogo que Lazaroni quer impor à seleção brasileira é que é, no mínimo, questionável. Sair para uma Copa do Mundo com pretensões de conquistá-la com apenas 4 atacantes, um dos quais está contundido com certa gravidade, é, certamente, uma ousadia que pode nos custar caro. Confiar apenas na combatividade de pastor alemão de Dunga e Alemão, que apesar de fortes são de talento e criatividade limitadas, e na versatilidade dos alas Branco, Jorginho e Valdo é um pouco aventureiro demais. A nós da arquibancada: só nos resta torcer para que o gênio criativo de Romário, Bebeto e Careca exploda na Itália e que os chamados deuses do futebol entrem em cena para permitir a rápida recuperação de Romário e garantir que nenhum dos três sofra um arranhão sequer durante a Copa. Por que, caso contrário, não teremos no banco nenhuma outra opção ofensiva do calibre dos titulares, a não ser a velocidade de Muller.

Eu já vi esse filme antes.

O dia da mulher faz 80 anos

Jesus Carlos/Fóton

Em meio às incertezas do momento político, às vésperas da posse do novo presidente do Brasil, as mulheres foram às ruas para marcar a passagem do Dia Internacional da Mulher.

Os lemas "O futuro é nosso", "Mulher abre o olho", "Pela igualdade na lei e na vida!" permearam as manifestações desde a pequena João Pessoa, passando pela tradicional Belo Horizonte até a metrópole paulista.

Superando as divergências de concepção, este 8 de março registrou a realização da manifestação unitária por todo o Brasil, incorporando inclusive setores da Igreja, que este ano dedica sua campanha da fraternidade à questão da mulher.

Na passeata de São Paulo, com cerca de mil mulheres, várias alegorias e alas representavam as conquistas e as perspectivas de luta das mulheres. A União Popular de Mulheres do Estado de São Paulo fez uma homenagem especial a Clara Zetkin, dirigente comunista alemã que há 80 anos propôs a instituição do 8 de março como dia internacional da mulher. Mulheres vestidas de operárias lembravam as operárias têxteis queimadas numa fábrica de Nova Iorque em 1957 por exigirem redução da jornada de trabalho, e que até hoje são homenageadas no Dia Internacional da Mulher.

Na Bahia, a passeata foi puxada pelo bloco Olodum e uma destacada participação de



No centro de São Paulo a homenagem à revolucionária Clara Zetkin

mulheres negras. Em Belo Horizonte, teve lugar pela primeira vez uma passeata unitária pelo centro da cidade, o mesmo ocorrendo em Maceió. No Paraná, uma extensa programação comemorativa incluiu um Encontro Latino-Americano de mulheres para os dias 26, 27 e 28 de março.

O destaque deste ano também foram os debates e seminários realizados pelos sindicatos nos principais centros do país, levando para as trabalhadoras o real significado do 8 de março e fazendo um balanço de suas conquistas. Em São Paulo, vários sindicatos abriram as páginas de seus boletins para falar do Dia Internacional da Mulher e o sindicato dos Metroviários fez uma edição especial totalmente dedicada às mulheres. O Congresso da Corrente Sindical Clássica realizado no Rio de Janeiro, com a presença de cerca

de 5 mil trabalhadoras, também fez uma homenagem especial às mulheres na sua sessão de abertura no dia 9 de março, dirigida pela liderança sindical Maria José Rocha, eleita para a Secretaria da Mulher da CSC.

Em meio ao balanço da década de 80 e as perspectivas para os anos 90, à comemoração dos 80 anos de instituição do 8 de março, e à certeza das mulheres de que os novos espaços conquistados nas leis só serão concretizados na vida com muita luta, esteve presente neste 8 de março a desconfiância das mulheres em relação ao novo presidente e a prontidão de defender os reais interesses da nação e do povo brasileiro, ou seja sua necessária presença no cenário político brasileiro.

(Ana Maria Rocha)

CIMI condena política etnocida

No dia 7 de março, o secretário do Conselho Indigenista Missionário, Antonio Brand, declarou que a política indigenista do presidente José Sarney "obedeceu a estratégias permitidas para acelerar a desintegração das estruturas socioculturais dos povos indígenas".

Na entrevista que concedeu aos jornalistas na sede da conferência nacional dos bispos do Brasil, Brand desmentiu as recentes afirmações do presidente Sarney de que o seu governo foi o que mais fez de marcações nos últimos 80 anos, num total de 33 milhões de hectares. O relatório do Cimi registra que até o final de 1989 a administração Sarney declarou de ocupação indígena apenas 59 áreas, tendo homologado apenas 29 demarcações, num total de 7.534.757 hectares, segundo dados fornecidos pela própria Funai. Considerando as propostas originais feitas pelo órgão, as declarações significaram uma redução da ordem de 42,5% dos territórios indígenas e as

homologações implicaram uma redução de 10,4%. Na área do projeto calha norte, a redução foi ainda maior. As terras indígenas do alto Rio Negro foram reduzidas em 59,5% e o território dos índios Yanomami, atualmente invadido por milhares de garimpeiros, sofreu redução de mais de 76%, segundo o Cimi, "uma parte significativa de terras indígenas — 365.640 ha — foi destinada, de modo absurdamente inconstitucional, ao uso do Exército".

Os dados, parciais, sobre as violências mostram que nos últimos dois anos foram assassinados 46 índios, a maioria em casos que envolviam conflitos de terra. Outros 69 índios foram vítimas de violência policial. Nestes dois anos a maior violência foi, porém, a morte de centenas de índios Yanomami, vítimas da invasão garimpeira de seu território. De acordo com Antonio Brand, o caso Yanomami, que se arrasta sem solução há mais de dois anos, "é o paradigma da política indigenista do pre-

sidente Sarney". Para o secretário do Cimi, essa política ficou inteiramente subordinada "aos interesses do grande capital e aos interesses dos militares da secretaria geral do extinto conselho de segurança nacional, hoje encastelados na secretaria de assessoramento da defesa nacional", tendo resultado em grandes prejuízos para as nações indígenas.

O secretário do Cimi disse que a entidade está aguardando a definição da política indigenista do governo Collor para se pronunciar a respeito. Adiantou, no entanto, que as orientações de sua política econômica preocupam, na medida em que incentivam a corrida às riquezas existentes em terras indígenas. Portanto é previsível o aumento dos conflitos e violências contra os índios. Representantes do PRN têm falado também novamente em descentralizar a responsabilidade pela formulação da política indigenista, o que, se efetivado, "deixa os índios em posição extremamente frágil".

Tempestade de chuva negra

Clóvis Geraldo*

O cinema do diretor inglês Ridley Scott sempre foi pontilhado de símbolos e multidão. Mas em "Chuva Negra" a discussão é entre dois estilos: o americano e o japonês. Scott dirige o filme com a competência habitual, embora ele careça de emoção e a proliferação de objetos e simbologia às vezes tire a atenção da platéia.

No final de "Chuva Negra" (Black Rain), quando o policial japonês Matsumoto (Ken Takakura) abre a caixa com o presente de seu colega americano Nick Conklin (Michael Douglas) e sorri, fica a impressão de que por mais esforço que façam os japoneses, ainda lhes falta a malícia e a esperteza suficiente para superar os norte-americanos. Estão sempre transmitindo insegurança e falta de visão.

Esta é a idéia básica que nos é repassada pelos roteiristas Graig Bolotin e Waren Lewis e conduzida com a competência habitual pelo esteticista inglês Ridley Scott. A história, se é que existe uma, é simples. Nick e seu parceiro Charlie Vincent (Andy Garcia) assistem a um massacre num restaurante e conseguem prender o criminoso Sato Koji (Yusako Matsuda), que tentava tornar-se um oyabun, como são chamados os chefões da Yakuza,

a máfia japonesa. E ao levá-lo para o Japão o entregam a seus próprios cúmplices. Ele foge e começa a confusão.

Símbolos do consumismo

Para levar adiante este enredo, Ridley Scott ("Blade Runner", "Alien") se arma de seu aparato habitual. Abre o filme com o símbolo do sol nascente surgindo pequeno e tomando a tela. É uma abertura que coloca o espectador diante dos recortes geométricos que irão pontilhar toda a ação, a seqüência seguinte traz uma corrida entre dois estilos — o do policial Nick, arrogante, irritante, durão, instigante, e o de um Punk, indeciso e deslocado, cavalgando literalmente outro signo da era consumista, a motocicleta Suzuki.

Scott aproveita para situar o local onde este tipo de estilo é produzido. Nick trafega por uma Nova York superpovoada mergulhada numa profusão de milhares de veículos, que elevam acima do asfalto uma cortina densa de poluição. É uma cidade nervosa, neurótica, que coloca todos sempre à beira de um ataque de nervos, a exemplo de Nick, que está prestes a explodir. Ele está sendo acusado de ficar com milhares de dólares de um mafioso e se defende dizendo que o sistema está podre, e seus chefes ficam

preocupados com o desvio de alguns dólares (sic!).

Nick Conklin é o policial competente, a seu modo, que já não separa a ética do maucaratismo. Vive solitário e justifica seu comportamento dizendo que tem três filhos e a pensão deles a pagar. O salário é baixo e ele precisa se valer de algumas trampolinagens para continuar sobrevivendo. Os brasileiros todo dia abrem o jornal e tomam conhecimento de que algum policial está metido em falcatruas, devido aos baixos salários. Como se vê, este não é um problema exclusivamente nacional.

Justificando os meios

Ao chegar ao Japão, Nick e Charlie vão se defrontar com uma nação cujos costumes os deixam aturdidos. Mas Charlie representa uma geração mais liberal, que, compreendendo a situação em que vive seu país, não tem as mesmas atitudes que Conklin, representante da velha guarda cujo lema é: qualquer meio justifica os fins, mesmo se os métodos forem pouco ortodoxos. Charlie prefere compartilhar, atrair o adversário para seu lado. Quando Nick hostiliza Matsumoto, o policial encarregado de acompanhá-lo na caça a Sato, Charlie o convida à sua mesa e depois leva-o a imitar

Ray Charles, numa seqüência significativa da parceria EUA-Japão.

Nick, pelo contrário, quer parceiros que definam de que lado estão. Ele encontra Joyce (Kate Capshaw), americana que trabalha num clube noturno sofisticado e freqüentado pelos oyabuns e homens de negócios. Ela teme pela própria pele, e ele a força a ajudá-lo. Não é diferente o comportamento do imperialismo norte-americano. As dubiedades ficam por conta dos próprios EUA. Mas Scott e seus roteiristas colocam para a platéia que os japoneses querem seu quinhão no concerto internacional arrotando que produzem tecnologia, estando portanto em supremacia.

Mortes em profusão

No desenrolar da história a pujança econômica japonesa é destacada, colocando Nick Conklin diante de fatos consumados. Ele tenta comer ao estilo oriental, fracassa, é obrigado a aceitar os ensinamentos de Matsumoto, entra na casa deste sem tirar os sapatos e é obrigado a fazê-lo. E Scott aproveita para desfilar seu estilo. Existem sempre fatos e coisas acontecendo sem relação direta com a ação, mas contribuindo para realçá-la, situar o local dos acontecimentos. Seus personagens estão em cenários deslumbrantes, que muitas vezes roubam a atenção.

Em "Perigo na Noite", seu filme anterior, eram as cortinas que esvoaçavam a todo instante, os amplos espaços e os filtros, azul-esmaecidos, em "Blade Runner" as espaçonaves individuais, em "Chuva Negra" são os ventiladores, as formas geométricas (cenas tendo ao fundo persianas, os edifícios iluminados como se fossem torres de acrílico). E principalmente a multidão. Scott adora seqüências em que elas destacam a ação. Numa das seqüências finais, quando Nick persegue Sato, ele aproveita para mostrar milhares de operários japoneses deixando a siderúrgica em suas bicicletas, misturados a gigantescos caminhões e veículos. O efeito é estonteante.

A tecnologia surge em toda a sua exuberância. Não há espaço para o ser individual, só aquela uniformidade imposta pela lógica capitalista. Os neons e os luminosos se impõem também, junto com os shoppings, as escadas rolantes e as decorações em acrílico, percebe-se a todo instante que a história se passa num ambiente altamente tecnologicado. O público em determinado momento pode achar que falta emoção a "Chuva Negra" que carece de ação psicológica, mas num ambiente onde a

tecnologia é a deusa, pouco resta para o sentimento.

Mendigo na noite

Existem momentos no filme em que o Japão, que quer passar a idéia de paraíso classe-média, naufraga. Quando Charlie Vincent é assassinado pelo bando de Sato, Nick vai curtir sua dor solitário. Um mendigo aparece logo querendo esmola. É afastado por Joyce. É uma prova de que o sistema capitalista não resolve os problemas, como quer demonstrar o novo liberalismo (embora todos saibamos disto). E já no final duas cenas reforçam o perfil japonês. A de Sugaí, o oyabun-chefe, jogando golfe numa quadra artificial, e a superpopulação — cerca de 140 milhões de habitantes, numa área espalhada por diversas ilhas — configurando o "apartamento" de Matsumoto, tão exíguo que não comporta duas pessoas conversando.

Scott não faz um filme político. É apenas um thriller no estilo videoclip, que impõe uma ação contínua, ao estilo também da televisão. Mas transmite em quase duas horas uma boa imagem de Osaka, a cidade símbolo da alta tecnologia. Seus personagens são cruéis ao extremo, como Sato, o que deixa espaço para a violência, com os clichês habituais, os receosos de sua nova posição como Matsumoto, ou delirantes em decadência, como Nick Conklin. Matsumoto quer passar a imagem de policial íntegro, porém acaba entretendo-se às mazelas de Nick. Este justifica a todo momento a necessidade da corrupção, como uma coisa perfeitamente normal, pois é imposta: "o sistema está podre", como ele diz.

No final, após aparadas algumas diferenças, Nick deixa-lhe as duas matrizes de falsificação de dólares. É um presente, mas também uma sugestão. A defesa da integridade por Matsumoto nos deixa à mostra as deslavadas corrupções policiais dos liberais-democratas que governam o país há mais de quarenta anos. Ministros após ministros caem do poder por corrupção. Talvez Matsumoto estivesse preocupado demais com métodos para decorar com acrílico as torres onde muitas transações são feitas e se esquecesse de que, por detrás dos objetos de acrílicos, qualquer movimento em pequeno grupo é suspeito. E ele virá a aproveitar as matrizes de falsificação de dólares. Quem sabe? Que mal comporta duas pessoas conversando?

Não é à toa que Nick sente um certo ar de superioridade.

*Jornalista e crítico de cinema.

Editora Anita Garibaldi lança coleção "Romances Populares"

Um novo fato no mercado editorial — lançada a coleção "Romances Populares" pela Editora Anita Garibaldi. O primeiro título é "Às Portas de Moscou", de Alexandr Beck.

Pelo estilo ágil e atraente do autor, "Às Portas de Moscou" é um desses livros que se lê de um só fôlego. Os personagens de Alexandr Beck revelam com exemplos de sua vida o valor da disciplina revolucionária e como os soldados soviéticos se educaram nesta nova concepção. "Corto minha carne para salvar minha vida" — é a comparação do comandante ao condenar à pena máxima o covarde que ameaça desagregar todo o destacamento.

O primeiro capítulo é denso e de rara beleza. Poderia mesmo ser publicado à parte, como um conto.

O general Panfilov e o comandante Momych-Uli dão mostras do esforço permanente para desenvolver o pensamento criativo, inovador, livre das formas rígidas e esquemáticas. São homens duros, calejados no combate mas com elevado calor humano.

"Às Portas de Moscou" pode ser adquirido através de pedido à Editora Anita Garibaldi, com cheque nominal no valor de NCz\$ 600,00. Rua Bororós, 51, 1º andar, São Paulo (SP), CEP: 01320.

Socialismo

Outro importante lançamento da Editora Anita Garibaldi é o texto "As transformações sociais na época da revolução e do imperialismo", de autoria do presidente nacional do PCdoB, João Amazonas. Neste trabalho o autor analisa a crise do socialismo, faz a crítica ao revisionismo e levanta questões novas sobre a

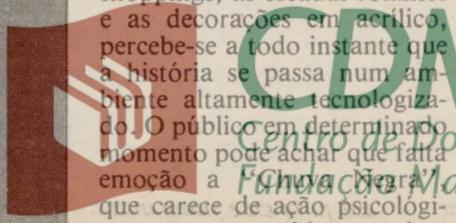
teoria e a prática revolucionária. É um documento de enorme utilidade para os estudiosos do marxismo. Faça já o seu pedido, por apenas NCz\$ 60,00.

Às portas de Moscou

Alexandr Bek



Editora Anita Garibaldi



“ Saiba tu que jamais desejaria eu trocar meu infortúnio pela condição de servo teu. Pois melhor me parece estar acorrentado a este rochedo do que passar toda a vida como fiel mensageiro do pai Zeus.”

No século V antes da nossa era, Ésquilo, mais de uma vez citado por Marx, immortalizou em “Prometeu Acorrentado” a luta do espírito humano pela Liberdade, bem supremo do ser consciente. Na época em que se anuncia o “fim da história”, quando são fortes os apelos ao retorno à barbárie e o obscurantismo fideísta aprisiona a vida, os versos que aqui publicamos, de autores clássicos e novos, transpiram a atualidade de um combate, embora antigo, sempre atual.

Monólogo de Satanás

John Milton

— É esta a região, é este o clima, é este o solo desolado e triste que pelo Céu havemos de trocar, deixando pela erma escuridão todo o esplendor da luz celestial? — diz o Archanjo vencido — Sendo assim já que Deus se tornou o soberano e pode pela força que possui dispor de tudo como bem quiser, quanto mais longe dele nós ficarmos muito melhor será para nós todos, pois não é com a razão que ele se impõe, subordinando todos os iguais e sim pelo poder da violência.

(...)
Adeus felizes campos onde moram toda a alegria e toda a paz! Adeus! Salve mansão de horror! Inferno salve! Recebe nesta negra profundidade um novo possuidor que traz consigo um espírito livre que jamais nem o tempo e o lugar podem mudar. Sei que o espírito vive por si mesmo, e ele pode fazer do Céu o Inferno e do Inferno fazer o próprio Céu!

Que me importa o lugar se eu sou o mesmo, igual àquele que só nos venceu porque dispõe do raio e do trovão! Ele o Inferno não fez para invejá-lo. Não quererá daqui nos expulsar. Reinaremos então com segurança. É uma nobre ambição querer reinar. E sabemos demais que é preferível reinar no Inferno a ser no Céu escravos!

E de nossos amigos que lutaram conosco lado a lado partilhando dessa nossa derrota, que faremos? Poderemos deixá-los destruídos no lago noturno do esquecimento? Devemos lhes pedir para ficar, para mais uma vez unindo as forças, pois nada temos a perder no Inferno, ver se podemos recobrar o Céu!

Prometeu

Wolfgang Goethe

Encobre, ó Zeus!
o céu com suas nuvens.
E como o jovem
que gosta de colher
cardos no campo, em teu poder conserva
o robusto carvalho e o alto cume
da espaçosa montanha.
mas consente que eu use
essa terra que é minha,
esse abrigo que eu fiz,
e esta forja que quando faço arder,
tu, no Olimpo, me invejas.

Nada mais pobre eu conheci, ó deuses
do que vós próprios.
Apenas vos nutris
de sacrifícios
e de preces,
dedicados a vossa majestade.
Morreríeis de fome se não fossem
as crianças, os loucos, os mendigos
que vivem de ilusões.

Quando eu era menino
e nada conhecia,
ao sol se erguiam meus sentidos olhos
como se lá houvesse
ouvidos que escutassem meus lamentos
e um coração tivesse igual ao meu
capaz de consolar a minha angústia.

E quem contra a insolência
da turba dos titãs me auxiliou?
quem me salvou da morte
e me impediu a escravidão?
Não foste tu meu coração somente,
ardendo numa chama inextinguível?
Jovem e ingênuo eu tudo agradecia
àquele que no céu
dorme na ociosidade.

(...)

Como prestar-te honra? Mas por quê?
Deste jamais alívio
aos oprimidos?
Já enxugaste as lágrimas
dos que são infelizes?
Formei um homem,
mas um homem afinal que só se curva
perante o Tempo e o Fado
que são tão meus senhores como teus.

Pensaste tu talvez
que poderia desprezar a vida
e ao deserto fugir
porque nem todos
os meus sonhos floriram?

Aqui estou.
Homens faço segundo a minha imagem,
homens que serão logo iguais a mim.
Divertem-se e padecem,
gozam e choram,
mas não se renderão aos poderosos
como também eu nunca me rendi!

Herdeiros da Beleza

Clarice de Piro

Viraremos Terra
Cinza, minério.
E todo desejo explodirá nos
Rios subterrâneos do Planeta.
Giraremos
Pela eternidade
Esta festa
Que mais do que amor
(ou dor, ou sede)
É celebração da Liberdade.
Que sobrevivam
Nossos filhos
Herdeiros da força
Dilaceradora
Do poder do real.
Herdeiros da Beleza
Dos momentos
De que somos apenas
Prenúncio.

Morte aos Deuses

Theodoro Luzimar

Bendito seja Prometeu
nossa liberdade
não admite os limites,
sujeições e humilhações
do Olimpo
nem mesmo as rédeas
de autoridades,
senhores, ídolos
ou burocratas.
Não nos paralisa
o medo da força,
o temor dos fogos,
o terror da Morte.
Por certo convivemos
com oprimidos e opressão,
pois o sonho das multidões
ainda dorme acorrentado
a preconceitos,
temores e ilusões.
Pela história desfilam
procissões de escravos
e ecoam cânticos dolorosos
dolorosamente servis.
Porém, uma outra realidade
está em marcha.
Grande Prometeu
a autoconsciência dos séculos,
onde germina sóbrio e sólido
(é êbrio de razão)
o espírito da Liberdade,
te saúda, e reverencia teus propósitos.
Salve Prometeu
nosso orgulho não se rende
a favores e bajulações,
nossa dignidade não se troca
por generosas remunerações
Não nos seduz
um paraíso de escravos.
Mil vezes a Morte,
a prisão, a tortura,
a miséria, o isolamento,
o fogo do Inferno,
a felicidade servil do Olimpo.
Viva Prometeu,
aproxima-se a hora.
Assaltemos o Olimpo,
subvertamos a Ordem.
Quebraremos as correntes,
os temores, a servidão.

Ao Olimpo

Carmen Dezoli

Cometei, deuses,
Vossos últimos atos de soberbia
Arrogância e ignorante presunção.
Fazei o que resta
De impostura, hipocrisia
Domínio sobre os pequenos seres
Decerto maiores que vós.
Chega ao fim o reinado
Marcha sobre esse templo sagrado
A legião da raça dos profanos
Concebida no último gueto da Terra
Em cópula infinda
E mirabolante entrelaçamento de almas.
É vão mobilizar
O trópego arsenal de misérias e iniquidades
Com que brindais o ingênuo e maltrapilho séquito
Criado por vós para a escravidão
Quem vos combate agora são seres fora do catálogo
Tão naturais que escapam
À vã teologia
Nasce um novo tempo
Um novo domínio
O não domínio
Nasce o riso pleno
O gozo eterno
A cor incandescente
Voz ensurdecadora, gesto inimitável
Tudo isso indecifrável
Para quem viveu
E vós vivestes assim,
deuses pigmeus,
De atentados à Liberdade.

